

2. As campanienses de Mértola

2.1. O sítio e o seu território

2.1.1. A implantação de Mértola e o seu território

Os vestígios arqueológicos conhecidos permitem sustentar que Mértola se afirmou ao longo dos tempos como um importante aglomerado populacional. A sua extraordinária implantação no cimo de uma elevação, na confluência da ribeira de Oeiras com o rio Guadiana, que a cercam na quase totalidade, tornou o local certamente apetecível (Fig. 7). Acresce a esta sua implantação topográfica, o facto de se situar no término da navegabilidade do Guadiana, o que fez deste local um pólo aglutinador de toda a região envolvente, conferindo-lhe mesmo importância num âmbito geográfico mais vasto, que incluirá todo o Baixo Alentejo. Bem defendida, a cidade encontrava-se no local ideal para o controlo de rotas e mercadorias, tendo acesso directo ao mar, via Guadiana.

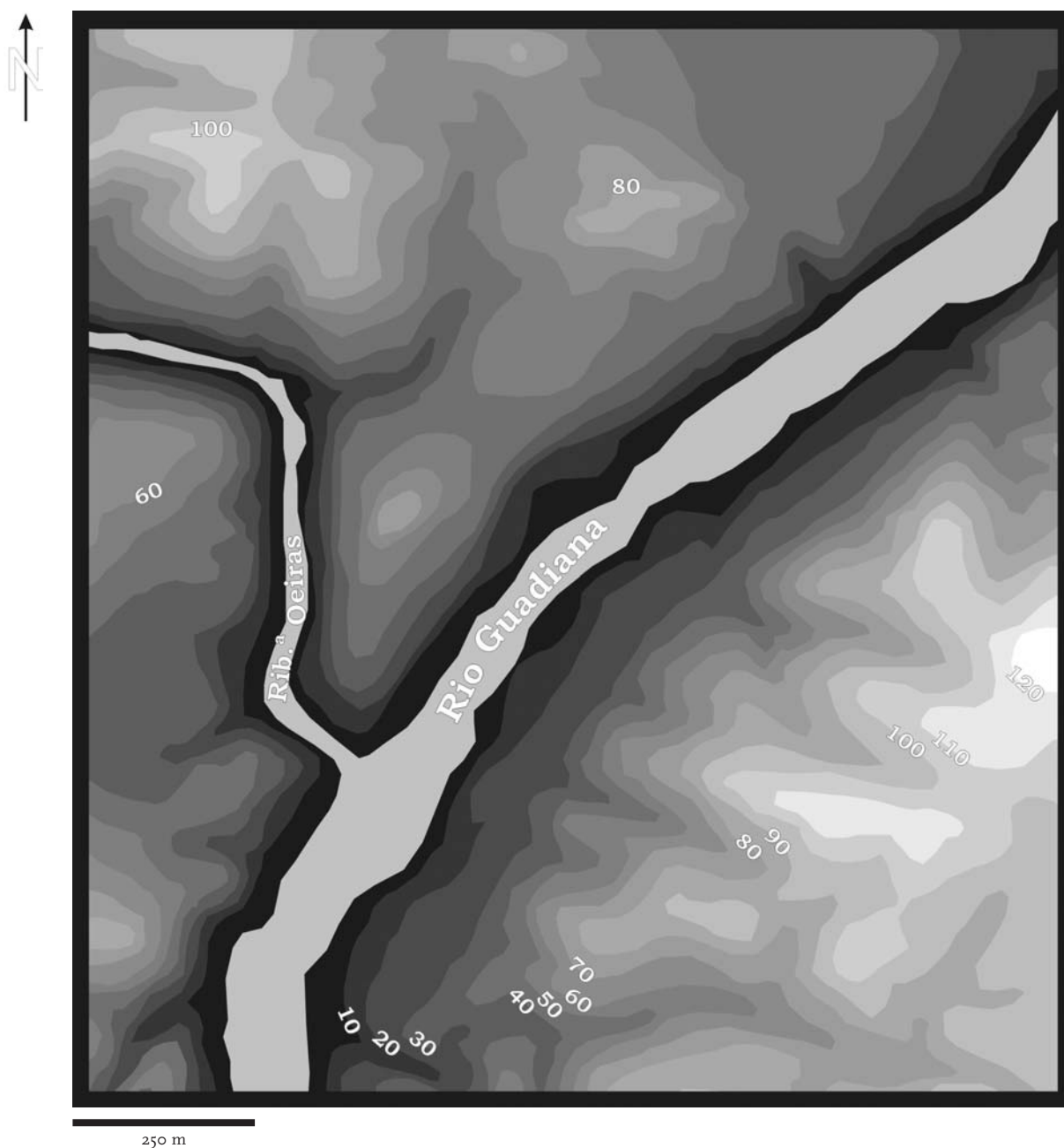


FIG. 7 – Implantação topográfica de Mértola (desenhado a partir da CMP, 1:25 000, fl. 558).

Mas a importância da cidade deriva não só do sítio onde se implantou, mas também das características da região que a envolve. Em traços gerais, ela é caracterizada por um relevo predominantemente plano, de substrato xistoso, cortado por vezes por serras quartíticas, onde ressalta a Serra da Alcaria Ruiva. A planície torna-se, contudo, cada vez mais acidentada junto aos cursos de água e à medida que se caminha para sul, com o início da Serra Algarvia.

Os solos são extremamente pobres e pouco adequados à prática agrícola, sendo maioritariamente compostos pelas chamadas terras galegas, com uma arborização reduzida, o que tem contribuído para a sua contínua desertificação.

Contrastando com a pobreza do solo, o subsolo revela-se como uma das riquezas da região envolvente. Toda ela se integra na Faixa Piritosa Ibérica, a mais rica região de exploração de metais básicos da Europa, e uma das maiores do mundo (Oliveira e Oliveira, 1996, p. 10). Aqui se exploraram, desde a Antiguidade, essencialmente o cobre e o chumbo, mas também a prata e o ouro. Mais recentemente, explorou-se também o enxofre, o zinco e o manganés (Oliveira e Oliveira, 1996, p. 31-32). A prová-lo está a intensa exploração que sofreu a Mina de S. Domingos e todo um conjunto de minas de menor importância, que se distribuem por esta região. Hoje, todo este distrito mineiro se encontra em crise, evidente nas ruínas fantasmagóricas das minas, arrastando para a penúria as populações que delas viveram.

Para além das minas, e como já foi referido, podemos encontrar uma outra riqueza desta região no rio Guadiana. Não nos referimos aqui às suas potencialidades piscícolas, mas à sua importância enquanto via de comunicação para o mar. O rio atravessa a região de norte a sul, e a sua navegabilidade até Mértola foi de tal forma importante que conseguiu, quando os transportes fluviais tinham uma importância hoje insuspeita, quebrar com a interioridade da região, transformando-a numa região quase litoral. Ainda em meados do século XIX, o rio seria navegável permanentemente numa extensão de 72 km, e possibilitaria o transporte de barcos, com uma capacidade de carga superior a 40 toneladas ao longo de 52 km, sendo o restante percurso percorrido por barcos até 10 toneladas (Matos, 1980, p. 255). Apesar do assoreamento, esta realidade não seria muito distinta durante a antiguidade clássica, embora se tenha defendido a chegada até *Myrtilis* de navios de mar (Sillières, 1990, p. 728).

O Guadiana, cujo nome actual revela parcialmente uma origem pré-romana, líbio-ibérica (Schulten, 1963, p. 66), foi por excelência a porta de entrada e de saída de produtos e ideias, oriundos de paragens distantes.

2.1.2. Mértola pré-romana

Mértola aguçou desde muito cedo a curiosidade acerca das suas antiguidades, e vários foram os estudiosos que se debruçaram sobre elas, desde André de Resende (1790) a Abel Viana, passando por Estácio da Veiga, José Leite de Vasconcelos — que aí chegaram a realizar escavações arqueológicas — e Delgado Alves, que publicou a sua tese de licenciatura sobre a arqueologia de Mértola no Arquivo de Beja (1956).

No entanto, os dados que possuímos em termos pré-romanos são quase exclusivamente bibliográficos, uma vez que não houve até à data um investimento no estudo deste período nesta região, em contraste com regiões limítrofes.

A pergunta feita por Estácio da Veiga mantém-se, “Mas onde estão os restos dos edifícios d’esse povo, dos seus utensílios domésticos menos susceptíveis de destruição, dos seus elementos de trabalho (...)?” (1880, p. 62).

O que se conhece efectivamente de Mértola pré-romana é muito pouco, para além de alguns objectos descontextualizados. Os vestígios mais antigos conhecidos são fragmentos de pratos de bordo almendrado calcolíticos, provenientes de camadas de revolvimento da Alcáçova (Rego, Guerrero e Gómez, 1996, p. 124).

Supostamente provenientes de Mértola podemos referir um conjunto de bens de prestígio, que se situam já dentro do I milénio. Trata-se de objectos identificados fora de contexto arqueológico e depositados no Museu Nacional de Arqueologia, que pouca informação exacta nos podem fornecer. Exemplo disso são duas pequenas foices de bronze de tipo Rocanes (Coffyn, 1985, p. 394), oferecidas ao museu por João Manuel da Costa (Vasconcelos, 1904, p. 40). Este colecionador, que serviu de informador a Leite de Vasconcelos, poderá no entanto ter recolhido estes exemplares noutra lugar da região, sendo a referência da origem dos objectos muito genérica. Isto sucedeu por exemplo no caso de uma figura de cabra em bronze, também oferecida por João Manuel da Costa a Leite de Vasconcelos, proveniente não de Mértola, mas da freguesia de Santa Cruz, concelho de Almodôvar (Vasconcelos, 1895, p. 297).

Também oferecida por João Manuel da Costa, e dada como proveniente de Mértola, é uma sanguessuga de xorca de bronze (Vasconcelos, 1929, p. 177), referida sumariamente e ilustrada por Leite de Vasconcelos (1919-1920, p. 100). Estes objectos, que normalmente surgem associados em grupos de doze, com o respectivo aro, apresentam uma cronologia muito discutida, havendo quem os localize entre os finais da Idade do Bronze até à Idade do Ferro, e quem precise a sua cronologia nos séculos VI-V a.C. (Gomes e Domingos, 1983, p. 291-292). Delgado Alves (1956, p. 43) refere ainda a existência de dois machados de bronze e uma foice oferecidos ao museu por Joaquim Gamito. Contudo, na referência da entrada destes objectos no museu (Vasconcelos, 1905, p. 380), não se relaciona este doador com Mértola, pelo que nos questionamos se os objectos provirão realmente desta localidade.

Para além destes materiais, também o topónimo transmitido pelos autores clássicos e identificado com Mértola por André de Resende, é certamente um indicador da antiguidade da sua ocupação. Estácio da Veiga dá-nos conta de uma série de possíveis origens do topónimo *Myrtilis*, desde o fenício *Myr* (nova) + *Tyri* (Tiro), a uma origem grega de *Myrtilo*, filho de Mercúrio, até uma origem latina, desde *Myrtus* (1880, p. 48). Contudo, estas etimologias derivam mais da lenda que de uma verdadeira análise linguística, e o próprio Estácio da Veiga as considera pouco fiáveis. Mais recentemente, Schulten afirmou tratar-se de um nome asiático, que se adaptou à forma grega *Myrtilis* (*apud* Tovar, 1976, p. 210-211). Pelo sufixo *-ilis*, poderá tratar-se de um topónimo de origem túrdula (Silva, 1990, p. 289).

Sendo hoje unanimemente considerado como um topónimo pré-romano, não existem grandes certezas quanto à sua origem, pondo-se mesmo a questão se terá sido sempre este o seu nome (Alarcão, 1996, p. 22). No entanto, a julgar pelos vestígios atrás referidos, nunca poderemos situar a primeira ocupação do sítio na II Idade do Ferro.

Se acerca da antiguidade da ocupação do sítio temos poucas certezas, já a sua importância como lugar central parece mais certa. Para além de uma implantação única, alguns achados sem contexto, que têm vindo a ser publicados, fazem disso prova.

Mértola apresenta uma das mais importantes colecções de cerâmicas áticas em Portugal (Arruda, 1997a, p. 146), apesar de nunca terem sido escavados níveis pré-romanos. Estas cerâmicas de verniz negro e figuras vermelhas, atribuíveis a finais do século V, inícios do IV a.C. (Arruda, 1997a, p. 95; Arruda, Barros e Lopes, 1998), são objectos de excepção, demonstrando a importância do local como base de um poder centralizado. Um outro conjunto deste

tipo cerâmico foi igualmente apresentado, apontando para as mesmas conclusões (Rego, Guerrero e Gómez, 1996, p. 127).

Outro objecto de excepção é a *larnax* do Museu de Arqueologia e Etnologia proveniente de Mértola, também datável de finais do século V, inícios do IV (Gomes, 1986, p. 68). Inserido numa tradição cultural oriental, também ele atesta a importância do local como centro regional (Alarcão, 1996, p. 20), revelando relações com Andaluzia Oriental em termos de tipologia e mesmo de material (Gomes, 1986, p. 68).

A cidade apresenta assim um conjunto de objectos que lhe conferem a importância presumida pela sua posição estratégica. Para além destes objectos, pouco conhecemos da sua estrutura (Fig. 8). A ocupação implantar-se-ia no cerro do castelo, estendendo-se para o Guadiana. Refere-se igualmente que, nas traseiras da Estação dos Correios, existiriam fornos cerâmicos, pela abundância de materiais datados dos séculos V-III a.C. (Rego, Guerrero e Gómez, 1996, p. 124), e, como veremos adiante, a necrópole situar-se-ia junto ao Rossio do Carmo.

Foi aliás nestes três locais que foi recolhida a cerâmica ática, assim como a campaniense, que adiante trataremos.

Se dos vivos poucas referências temos, já dos mortos, alvo preferencial dos coleccionadores, algo mais conhecemos. Alguns dos mais importantes vestígios de Mértola pré-romana são precisamente vestígios de necrópoles.

Numa das suas visitas a Mértola, Leite de Vasconcelos explorou uma necrópole, que situa “ao lado direito do «barranco» do Pôço, junto da villa” (1897b, p. 421). O local encontra-se hoje bastante modificado, tendo a expansão urbana feito desaparecer o dito barranco. Contudo mantêm-se alguns vestígios que se encontram em risco, e urge preservar e conhecer melhor. Leite de Vasconcelos relata a existência de cerca de vinte pequenas sepulturas em forma de fossas circulares, que continham vestígios osteológicos chamuscados, fragmentos de urnas e de objectos indeterminados em bronze (Vasconcelos, 1897b, p. 421-422).

Ainda hoje se pode constatar no local a existência de algumas fossas, nomeadamente cortadas por um caminho que por aí passa, assim como alguns ossos calcinados e pequenos fragmentos de cerâmica manual.

Vestígios mais recentes são duas inscrições com escrita do sudoeste provenientes da região de Mértola. Uma delas, entretanto perdida, foi descrita e representada por Frei Manuel do Cenáculo, sendo proveniente do Monte das Góias, S. Miguel do Pinheiro, no sul do concelho (Untermann, 1997, p. 332). A epigrafia do sudoeste, pelos contextos arqueológicos conhecidos, tem sido considerada como essencialmente funerária. No entanto, recentemente esta inscrição foi alvo de uma nova interpretação em virtude da sua tipologia, pois trata-se de um bétilo, e não de uma estela, o suporte mais frequente nesta epigrafia (Alarcão, 1996, p. 22). Na proposta de Jorge de Alarcão, este bétilo poderia marcar a fronteira entre o território da etnia que habitaria Mértola e o território de Ourique. Em favor desta ideia poderá estar o facto de a inscrição se encontrar numa área limite em relação à grande concentração de inscrições do Sudoeste. A inscrição do Monte de Góias não teria assim uma função funerária, todavia esta proposta só será completamente confirmada quando for identificado um bétilo *in situ*, ou se conseguir traduzir esta escrita enigmática.

Recentemente foi descoberta de forma casual uma outra inscrição, junto à basílica paleocristã de Mértola. A estela, cuja cronologia se situa entre o século VII e o V a.C., apresenta vestígios evidentes de ter sido utilizada como tampa de sepultura paleocristã (Faria, 1994, p. 61; Untermann, 1997, p. 333-334). Estando em deposição secundária, resta saber se a lápide proveio do local, ou de qualquer outro lugar mais distante. A favor desta segunda hipótese poderemos argumentar que a estela se situa numa zona aparentemente marginal à principal área de distribuição das estelas com escrita do Sudoeste. Poderemos estar aqui numa região

com características culturais distintas da região onde predominam as inscrições. No entanto inclinamo-nos mais para a primeira hipótese, pois esta zona Mértola apresenta uma forte tradição funerária da antiga cidade. No Rossio do Carmo, local de proveniência da lápide, localizou-se uma das necrópoles romanas da cidade, assim como a paleocristã e a islâmica, numa curiosa manutenção de um espaço sagrado, por culturas e religiões distintas. Este local situa-se ainda muito próximo do já referido Barranco do Poço, onde Leite de Vasconcelos identificou uma necrópole da Idade do Bronze.

Poderemos relacionar a inscrição com uma planta desenhada por Estácio da Veiga durante as suas explorações nesta zona do Rossio do Carmo após 1887. Nessa planta, para além da planta da basílica paleocristã, e de cerca de 52 sepulturas, está representada uma estrutura com três paredes de um metro de espessura, delimitando uma área quadrangular de cerca de 4,40 m de largura, e que apresenta a legenda “C.as de incineração” (Ferreira, 1965, p. 68).

O significado da abreviatura “C.as” escapa-nos, assim como a utilidade da estrutura e a sua cronologia. De certo, apenas conhecemos a sua forma geral, e o facto de a sua função estar relacionada com a incineração. Várias hipóteses se nos levantam, desde uma ustrina romana, um túmulo de planta rectangular da Idade do Ferro, até aos restos de uma câmara sepulcral destinada a conter uma *larnax*, como a de Mértola.

Finalmente há a referir a grande muralha exterior de Mértola. Trata-se de uma grande muralha que apresenta ainda visível um troço cerca de 1,5 km, mas que teria uma extensão total de 4 km, e que envolve Mértola desde a zona do Cerro do Benfica, passando mesmo para a margem esquerda da Ribeira de Oeiras, e atingindo o Convento de S. Francisco, e que enquadra uma área de 70 hectares (Lopes e Hourcade, 2001). Até aos recentes trabalhos de escavação que esta estrutura sofreu na zona do Cerro do Benfica, pensava-se que esta construção datasse do período republicano (Torres, 1992, p. 193-194; Macías, 1996, p. 26), no entanto ela foi datada dos séculos IV-III a.C. (Lopes e Hourcade, 2001). Para além de uma primeira datação arqueológica da estrutura, foram também identificadas duas torres de planta semicircular e foi defendido um novo troço que segue paralelamente o rio Guadiana.

Esta muralha confirma definitivamente Mértola pré-romana como lugar central, sobretudo durante a II Idade do Ferro. Pensamos que ela não se pode compreender a partir de um ponto de vista exclusivamente militar. Em primeiro lugar, a escavação recente revelou a “fragilidade da estrutura” (Lopes e Hourcade, 2001, p. 209). Por outro lado, a área por ela delimitada (70 hectares) afigura-se-nos excessiva, tendo em conta os vestígios arqueológicos identificados no seu interior, e mesmo irracional em termos militares. Seria seguramente mais fácil defender a cidade usando a linha natural definida pela Ribeira de Oeiras, com as suas margens escarpadas. Assim, se a muralha não se entende em termos de racionalidade militar, ela só pode ser produto do desejo de ostentação de um determinado poder central, que assim se afirma em direcção ao exterior, mas também ao interior.

O território envolvente

Se para a compreensão do povoado central poucos dados possuímos, o problema agrava-se quando nos aventuramos pelo seu território. De momento, só poderemos compreender algo das estratégias de ocupação do território, relacionando o seu povoamento com as características naturais da região.

O chamado Cerro do Calcolítico, localiza-se na margem esquerda do Guadiana, muito próximo de Mértola. A partir da análise dos vestígios de superfície, detectou-se neste povoado uma primeira ocupação calcolítica, e uma segunda dos séculos III/II a.C., através da presença

de cerâmicas turdetanas (Pérez Macías e Rego, 1994, p. 151). Este povoado aproveitaria assim as boas condições naturais do local onde esteve implantado, assim como a proximidade com o rio. O povoado do Cerro do Calcolítico pode ser um indício de uma malha de povoamento feita em função da via de comunicação que foi o Guadiana, tal como acontece a montante, no concelho de Serpa (Lopes, Carvalho e Gomes, 1998), mas só futura investigação poderá comprovar, ou não, esta ideia.

O outro pólo de interesse económico que definimos para esta região foi a exploração mineira. Os exemplos mais conhecidos de minas de exploração antiga na faixa piritosa situam-se na vizinha província de Huelva, como sejam as minas de Tharsis ou de Riotinto. Este conjunto de minas, com um largo historial de investigação, iniciada com a sua exploração moderna, tem fornecido um vasto corpo de dados. Estes dados apontam para um início da exploração das minas ainda durante o Calcolítico, exploração essa que foi evoluindo, atingindo um primeiro momento de esplendor durante os séculos VII-VI a.C., e um segundo, durante a dominação romana (Pérez Macías, 1996, p. 38).

Da exploração antiga da Mina de S. Domingos pouco conhecemos, para além de breves referências de autores antigos a explorações atribuídas “aos Fenícios ou aos Cartagineses” (Anónimo, 1875, p. 181). Por exemplo, o cónego Botto, conservador do Museu de Faro, visitou a mina e “o estudo confrontativo de várias camadas de escórias subjacentes aos depósitos actuais fez-lhe fundamentadamente presumir a primitiva existencia de uma exploração phenicia (...)” (*in* Vasconcelos, 1897a, p. 294).

Apesar destas suposições, os poucos vestígios seguros de exploração antiga são já de período romano (Alarcão, 1988b, p. 200-201), mas não será improvável que a antiga Serra de S. Domingos tenha sido objecto de exploração desde períodos pré-romanos, como sucedeu na vizinha região espanhola. As provas concretas dessa exploração serão difíceis de detectar, visto que a orografia da serra foi totalmente alterada, em virtude dos desmontes do século passado e deste ainda.

Todavia, alguns indícios poderão confirmar esta suspeita. O mais relevante é o achado de um ou dois brincos de ouro na região da antiga Serra de S. Domingos. Trata-se de um achado sem contexto, depositado no Museu Nacional de Arqueologia, proveniente de Santana de Cambas, Mértola. Gérard Nicolini refere e descreve apenas um deles. Trata-se de um brinco de ouro em forma de navicela achatada, que alia as técnicas de granulado e entrançado. Revelando uma filiação na tradição oriental, o brinco é datável de finais do século V, inícios do IV (Nicolini, 1990, p. 338).

Mais recentemente, deu-se notícia da existência de um segundo brinco de ouro proveniente de Santana de Cambas (Parreira e Pinto, 1980, p. 16). Aparecendo os dois brincos em conjunto nesta publicação, supomos que se trate do brinco referido por Nicolini e do seu par.

Apesar de descontextualizados, a existência destes brincos prova duas coisas. Em primeiro lugar, a importância da região da actual mina de S. Domingos durante a Idade do Ferro. Santana de Cambas situa-se nas proximidades da mina, estando parte dela ainda na área desta freguesia. É natural que, aquando do seu achado, tivesse sido dado como referência o nome da sede de freguesia, como noutras vezes sucedeu. Em segundo lugar, as características de um dos brincos demonstram uma relação com os povos do Mediterrâneo oriental, tal como as regiões mineiras da vizinha província de Huelva.

Estes brincos parecem estabelecer a relação entre o povoamento e a exploração mineira. Existirão contudo outros locais que não terão uma ligação tão directa com o minério ou o rio. Certamente que grande parte da população deste território se dedicaria a actividades agrícolas e pecuárias. O topónimo Cerro das Mós indicia este género de actividades, contudo, como em algumas estações desta região, os vestígios à superfície não abundam, nem

são suficientemente esclarecedores, com a excepção de uma conta oculada aí encontrada³, e que nos remete para uma data dentro do período em estudo, e de uma mó manual.

No território em volta de Mértola, para além do bétilo do Monte de Góias, já referido, apenas temos conhecimento de uma necrópole que possa ser inserida no horizonte do I milénio. Trata-se da necrópole de Val Formoso, onde foram detectadas cerca de 14 cistas. Vazias de qualquer conteúdo, Abel Viana (1947, p. 5) situava-as genericamente na Idade do Ferro.

2.1.3. Mértola romana

Uma das preocupações dos antiquários do Renascimento foi a associação da História portuguesa à civilização romana, foco irradiador de toda a civilização europeia. Bom exemplo disso foi a obra de André de Resende, que o levou mesmo ao excesso da falsificação. Foi possivelmente este o primeiro interessado pelas antiguidades de Mértola, tendo mesmo realizado aí a importante descoberta de oito ou dez estátuas romanas (Resende, 1790, livro IV, 238), hoje na sua maioria desaparecidas.

Este autor localiza aí a cidade romana de *Myrtilis*, referida em vários textos clássicos, essencialmente a partir da coincidência entre a distância indicada no Itinerário de Antonino (431, 4-7), entre esta cidade e *Pax Iulia*, e a distância real entre Mértola e a cidade de Beja, então já identificada como a *Pax Iulia* romana. Nisto foi seguido por todos os autores, principalmente após a descoberta de uma inscrição (*CIL* II 15 = *IRCP* 96) em Mértola, descrita por Hübner, e que documenta uma homenagem levada a cabo pelos munícipes de *Myrtilis*. Esta identificação é pois hoje consensual.

Para além deste passo do Itinerário de Antonino, que serviu para localizar *Myrtilis*, esta cidade aparece referida em outras fontes romanas.

Pompónio Mela situa-a no Promontório *Cuneus*, juntamente com as cidades de *Balsa*, *Ossonoba* e *Portus Hannibalis* (*Corografia*, 3, 7). A localização do autor clássico parece conferir-lhe uma posição litoral, equivalente às antigas cidades algarvias, o que poderia ser entendido como mais uma das incorrecções geográficas em que os textos antigos parecem ser férteis. No entanto, se a posição litoral de *Myrtilis* no texto de Pompónio Mela entra em contradição com a visão da geografia regional que hoje possuímos, ela compreende-se perfeitamente a partir da visão antiga. Largo e navegável até Mértola, o Guadiana tornava-a numa cidade quase litoral, pela facilidade com que lhe permitia aceder ao oceano, sendo assim visto como um braço de mar que entra pela terra dentro.

Já Plínio cita *Myrtilis* entre os *oppida veteris Latii* (*Historia Natural*, 4, 117). Esta referência, acrescida da referência de Ptolomeu (2, 5, 5) à cidade enquanto *Ιουλιὰ Μυρτιλῖς*, levou a que se considerasse este, um município fundado por Júlio César (Alarcão, 1985, p. 101-102), que também terá elevado a cidade a município com *Latium Vetus*, na sequência do final das Guerras Civis (Alarcão, 1985, p. 104).

Esta posição tem sido, contudo, alvo de alguma controvérsia, defendendo-se em contrapartida que o *ius Latii* tenha sido outorgado por Octaviano/Augusto antes de 12 a.C., e que a cidade tenha adquirido o estatuto de município numa data posterior, que, a julgar pelos testemunhos numismáticos dos *oppida veteris Latii* de Plínio, deverá ter sido entre 12 a.C. e 37 d.C. (Faria, 1995a, p. 95, 1999, p. 37).

As ancestrais relações de *Myrtilis* com o Mediterrâneo, e sua boa acessibilidade, terão facilitado uma precoce romanização, possivelmente logo nos inícios do século II a.C., aquando das Guerras Lusitanas (Fabião, 1987, p. 147). Mértola teria servido nessa época como um porto de entrada, assim como uma base de operações (Fabião, 1987, p. 147; Alar-

ção, 1990, p. 346) para os exércitos romanos. Nas subseqüentes guerras pelo poder em Roma, que se travaram na Península ao longo de todo o século I a.C., Mértola continuou a revelar uma importância estratégica (Alarcão, 1985, p. 101). Exemplo disso é a cunhagem realizada na cidade pelo questor *L. Apulleius Decianus*. Trata-se de uma fruste cunhagem que apresenta no anverso um sável, juntamente com a legenda toponímica abreviada referente a MURTILI, e, no reverso, o nome do magistrado igualmente de forma abreviada, juntamente com a representação de uma espiga. Este tipo surge em duas ordens de grandeza distintas e deverá datar do período da Guerras Sertorianas (Faria, 1995b, p. 148-149). Conhecem-se ainda duas outras emissões, uma apresentando um golfinho sobre crescente no anverso e uma espiga sobre o topónimo, enquanto na outra se figurou no anverso uma cabeça masculina, possivelmente representando Júpiter, e na outra face uma águia sobre a legenda toponímica. Pela sua tipologia, esta última cunhagem deverá datar de entre 70 e 40 a.C. (Faria, 1995b, p. 149).

Documentando a participação da cidade num contexto de guerra e de instabilidade, estão dois tesouros monetários datados de finais do século II, inícios do I. Trata-se de dois conjuntos de denários republicanos identificados nas proximidades de Mértola, (Viana, 1955, p. 159-163). O primeiro terá sido achado em 1634 numa panela de prata, nas margens de um rio, junto de Mértola. Para além disto, apenas se sabe que este tesouro conteria mais de 8000 denários, incluindo um de *Numerius Fabius Pictor*, datado de 126 a.C. (Hipólito, 1960-1961, p. 88-89). Mais recentemente, em 1941, foi identificado um segundo tesouro republicano, nas margens do Guadiana, junto a Mértola. Este tesouro era composto por mais de 800 denários tendo 666 deles sido adquiridos pelo Museu de Beja (Hipólito, 1960-1961, p. 89). Do total das moedas, apenas 53, adquiridas por Manuel Heleno e hoje depositados no Museu Nacional de Arqueologia, foram devidamente estudadas (Faria, 1991-1992, p. 84-86).

Esta análise fez datar o tesouro um pouco antes de 100 a.C. (Faria, 1991-1992, p. 84), embora uma cronologia mais recente de Mattingly possa fazê-lo avançar até cerca de 98 a.C., (Volk, 1999, table B). No entanto, como em todos os tesouros monetários, estas datas apenas nos fornecem um *terminus post quem* para a sua ocultação.

As razões exactas para essa ocultação e posterior perda mantêm-se desconhecidas. Consoante o seu contexto, tem-se referido que alguns destes tesouros de denários republicanos possam representar o produto de saques indígenas contra os invasores romanos (Alarcão, 1989, p. 239), ou, pelo contrário, tratar-se de esconderijos de populações romanas ou romanizadas, em momentos de avanço da resistência indígena (Alarcão, 1999, p. 2), bem como de economias de militares romanos, escondidas em zonas pacificadas antes de estes se movimentarem para zonas de conflito (Faria, 1991-1992, p. 93-94). Para além disto, apontaram-se já exemplos em que elas podem também derivar de conflitos verificados em zonas mineiras (Faria, 1991-1992, p. 93). Seja qual for o drama individual por detrás da perda destes tesouros, duas constantes se verificam na sua ocultação, a chegada de tropas romanas, que consigo trouxeram esta nova moeda, e a instabilidade que se lhe seguiu. No caso do tesouro de Mértola, se a razão verdadeira da sua formação nos escapa, parece estarmos em presença de um tesouro ocultado em contexto romanizado.

A análise do perfil da amostra conhecida deste tesouro fornece-nos informações que poderão revestir-se de alguma relevância. A sua composição foi adjectivada de moderna, distinguindo-se claramente dos restantes conservadores tesouros de denários da Lusitânia, e aproximando-se de amostras italianas (Volk, 1999, p. 358). Este facto poder-se-á ficar a dever ao facto de as moedas hoje conhecidas constituírem uma parcela não representativa da totalidade dos denários que compunham originalmente o tesouro. No entanto, ele poderá, pelo contrário, constituir um dado bastante significativo, indicando que este material proveio directamente

da Península Itálica ou de outra região do mundo económico romano com padrões semelhantes de constituição de tesouros (Volk, 1999, p. 361-362). A ser assim, este tesouro confere uma relevância económica singular à cidade de *Myrtilis*, dentro do panorama do sudoeste peninsular dos finais do século II. As razões para este facto poder-se-ão encontrar na sua ligação fluvial directa com o Mediterrâneo, já anteriormente sugerida, bem como na exploração mineira da região.

Um terceiro tesouro de denários, achado na Herdade da Gralheira (S. João dos Caldeiros) contém já moedas de Augusto (Viana, 1958, p. 45-47, 1959, p. 46-48), saindo por isso deste âmbito.

Para além dos denários, também as ânforas documentam a importância económica da cidade entre meados do século II e meados do I a.C., Falamos de um conjunto de ânforas completas, retiradas de uma escavação levada a cabo por Bernardo de Sá, a mando de Leite de Vasconcelos (Sá, 1905), na margem do Guadiana, em frente a Mértola. A classificação deste conjunto de ânforas republicanas aponta para ânforas de classe 5 (Dressel 1C) e classe 8 (Lamboglia 2) (Fabião, 1987 e 1989, p. 86-91).

Recentemente foram descobertos vinte e um fragmentos de ânforas republicanas no sítio de Mata-Filhos (Mértola), que apresenta vestígios de fortificação. A natureza do perfil dos seus bordos leva-nos a inseri-las na classe 3 (Dressel 1A)(Est. I). O conjunto poder-se-á datar de entre meados do século II e meados do I a.C. (Luís, 1998). Curiosamente, não detectámos à superfície qualquer vestígio de cerâmica campaniense neste sítio.

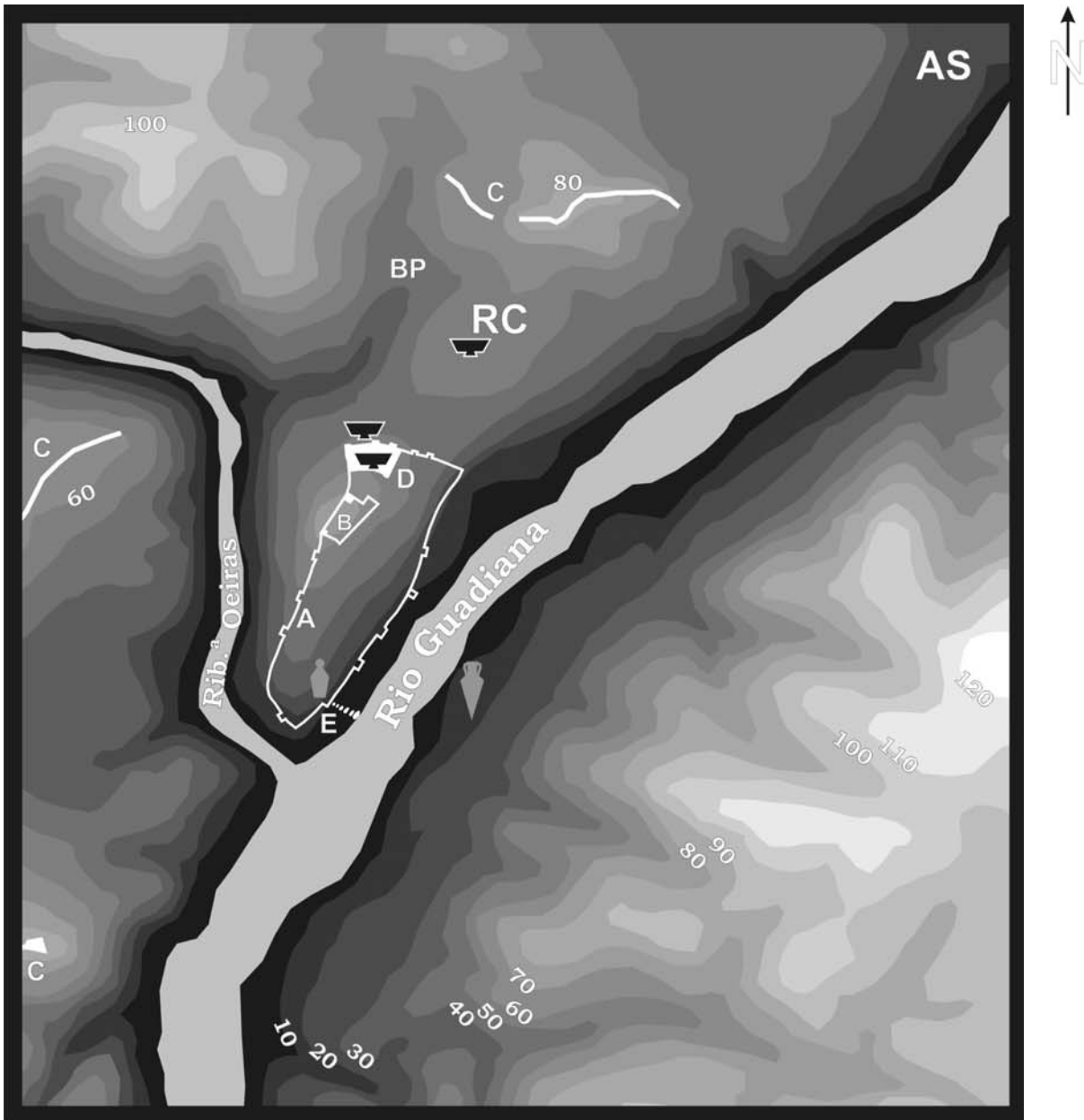
Estrutura da cidade romana

Pela vila de Mértola passaram grandes nomes da arqueologia portuguesa em busca de vestígios da antiga *Myrtilis*, desde André de Resende, Estácio da Veiga (1880), Leite de Vasconcelos (por ex. 1899-1900, 1919-1920), Abel Viana a Delgado Alves (1956), entre muitos outros. Em virtude disto conhecem-se alguns dados que se encontram espalhados por uma vasta bibliografia. Estes e outros investigadores foram recolhendo uma quantidade importante de materiais que se encontram hoje nas reservas dos museus, principalmente o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e o Museu Regional de Beja, encontrando-se na sua maioria por publicar.

Após a fundação do Campo Arqueológico de Mértola, em finais dos anos 70, a vila assistiu ao início de um valioso trabalho de recuperação e promoção do seu património. Apesar de privilegiar a arqueologia islâmica, este trabalho tem também trazido à luz do dia alguns dados importantes acerca da estrutura da cidade romana (Fig. 8).

Foi no decorrer das primeiras escavações do CAM que se detectou uma das mais importantes estruturas da cidade, o criptopórtico. Trata-se de uma estrutura composta por uma galeria abobadada, e por imponentes muros de xisto e grandes blocos de granito, que serviu para combater o declive acentuado do cerro onde se implantou a cidade, e criar uma plataforma onde se terá instalado o *forum* da cidade (Torres e Oliveira, 1987, p. 618).

A praça, com uma colunata em toda a volta, albergaria os principais edifícios da cidade. Desses edifícios, conhecem-se as estruturas de uma basílica, assim como um complexo termal, por intermédio de uma piscina revestida a mármore, que posteriormente terá sido adaptada ao culto cristão (Macías, 1996, p. 50). Certamente que no *forum* da cidade se localizaria também o templo. Desconhecem-se as suas estruturas, no entanto, uma cabeça colossal da deusa oriental Cíbele faz pensar que esse templo lhe fosse dedicado (Alarcão, 1990, p. 475).



Legenda

A. Murallas da Vila Velha

B. Castelo

Pré-Romano

C. Muralla exterior

BP. Barranco do Poço

RC. Rossio do Carmo

☛. Cerâmicas áticas

Romano

D. Criptopórtico/Alcáçova

E. "Ponte romana"

RC. Rossio do Carmo

AS. Achada de S. Sebastião

☛. Estátuas romanas

☛. Antena republicana

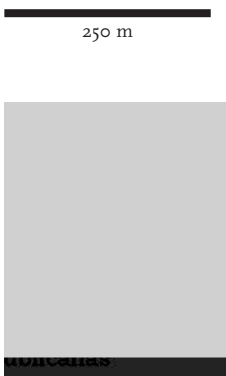


FIG. 8 – Mértola pré-romana e romana (contém elementos da fig. 1.5 de Macías, 1996)

O criptopórtico foi posteriormente aproveitado como cisterna (Macías, 1996, p. 53) e a plataforma criada pelo criptopórtico para a construção de um bairro almóada, e posterior necrópole dos séculos XIV a XVI (Torres, 1982, p. 89), o que levou à destruição de vestígios precedentes.

A julgar pela construção de toda esta estrutura, a sua edificação ter-se-á dado em meados do século III (Macías, 1996, p. 52). Esta cronologia, que assenta na reutilização de materiais dos séculos I e II na construção do criptopórtico, levanta-nos uma questão. Onde estaria o *forum* de *Myrtilis* antes do século III, época em que os vestígios materiais conhecidos apontam para um florescimento da cidade? Uma hipótese possível é a de que esta data corresponderia apenas a uma reconstrução do *forum* preexistente.

Outra hipótese surge-nos do facto do conjunto impressionante de oito ou dez estátuas descobertas por André de Resende ter sido achado, segundo informação de Frei Amador Arraiz (1945, p. 289), junto à Misericórdia, um local bem afastado do criptopórtico, e junto à porta do rio. Tal conjunto de estátuas só poderia estar num *forum*, o que, visto as estátuas hoje ainda conhecidas datarem dos séculos I e II (Souza, 1990, p. 9-12), nos leva a supor que pudesse existir um *forum* anterior nessa zona da cidade, bem próxima do porto fluvial, verdadeiro centro económico da cidade.

Pouco mais se conhece acerca da malha urbana de Mértola romana, com a excepção de uma casa de peristilo, descoberta aquando das obras de reconstrução do edifício da Câmara Municipal, destruído por um incêndio. Estas estruturas acolhem hoje o Núcleo Romano do Museu de Mértola.

A toda a volta da cidade correriam duas linhas de muralhas. Uma delas delimitava a cidade propriamente dita, mas os trabalhos romanos são difíceis de distinguir dos islâmicos e cristãos. Identificou-se, no entanto, junto da torre do rio, uma outra torre, que poderá datar de finais do século III, ou IV (Macías, 1996, p. 28). É possível que a muralha exterior pré-romana estivesse, pelo menos parcialmente, ainda em de pé (Lopes e Hourcade, 2001). Antes dos recentes trabalhos de escavação, foi mesmo aventada a hipótese de ela ter abrigado os exércitos participantes nas guerras peninsulares durante o Inverno (Torres, 1992, p. 193-194; Macías, 1996, p. 26).

Fora da cidade dos vivos situavam-se as necrópoles. Os dados parecem apontar para a existência de duas necrópoles romanas em *Myrtilis*.

Uma delas situar-se-ia no Rossio do Carmo, junto à via que conduzia a *Pax Iulia*, local onde mais tarde seriam localizadas as necrópoles paleocristã e islâmica. De todas as ocupações, a pior conhecida é a romana. A necrópole terá funcionado do século I ao V (Macías, 1993, p. 54), altura em que terá sido aí construída uma basílica paleocristã com um conjunto de sepulturas no seu interior, e uma das mais impressionantes colecções de epigrafia paleocristã.

Melhor conhecida é a necrópole da Achada de S. Sebastião, localizada na margem direita do Guadiana, junto a uma variante da via para a capital conventual (Lopes, 1999, p. 81-82). A primeira referência a esta necrópole é de Estácio da Veiga (1880, p. 81), que a visitou após a grande cheia do Guadiana em finais de 1876. Este arqueólogo refere um conjunto de sepulturas escavadas na rocha, assim como uma urna, que desenha (Veiga, 1880, p. 83).

Posteriormente, a zona sofreu uma intervenção do Campo Arqueológico de Mértola, uma vez que aí foi implantada a Escola Secundária. Essa intervenção não comprovou a existência de outras sepulturas de incineração, mas sim de várias sepulturas de inumação.

Trata-se, na sua maioria, de sepulturas de forma rectangular, escavadas na rocha, por vezes reforçadas por paredes interiores de alvenaria ou tijolo, e cobertas por lajes de xisto ou *tegulae* (Lopes e Boiça, 1993, p. 19; Lopes, 1999).

A escassez de materiais torna difícil traçar uma cronologia da utilização do local, apontando os autores da escavação para uma ocupação entre os séculos I e III, continuando até ao

século V (Lopes e Boiça, 1993, p. 25; Lopes, 1999, p. 95-96), como o atestam o recente achado de uma pequena medalha de ouro com o crísmo, datada entre segunda metade do século IV e finais da primeira metade do V, assim como um fragmento de lucerna com o mesmo motivo, datada do século IV (Lopes, 1999, p. 89-90, 92).

Desde o foral de 1254, que refere a existência de uma ponte junto a Mértola, correu a ideia na literatura sobre as antiguidades de Mértola de que as ruínas de seis robustos pegões existentes fora das muralhas, junto do Guadiana, seriam as ruínas de uma ponte romana, ponte essa que, à falta de vestígios correspondentes na margem oposta, alguns diziam incompleta. Ainda hoje a população local chama ponte romana a essas ruínas.

Estácio da Veiga e Abel Viana duvidaram desta suposição, interpretando a estrutura como um cais fortificado árabe (Veiga, 1880, p. 126-139) ou visigótico (Viana, 1947, p. 34). Só mais recentemente Fernando de Almeida encontrou uma explicação convincente para os vestígios. Tratar-se-ia, na opinião deste autor, de um aqueduto construído em época islâmica, que, provido de uma nora, retiraria água do rio para o interior das muralhas (Almeida, 1976, p. 298).

A não atribuição de uma datação romana encontra-se justificada pela utilização de materiais romanos na construção da estrutura, nomeadamente uma inscrição votiva (IRCP 95). A cronologia da estrutura não nos parece contudo ainda totalmente esclarecida, pois o argumento de terem sido utilizados materiais romanos pode ser conciliável com uma data romana, embora tardia. Lembremo-nos por exemplo da muralha do Baixo Império de *Conimbriga*. O facto de ser uma nora também não é argumento para a determinação de uma construção árabe.

Os arcos de volta mais ou menos perfeita, a abóbada de canhão e os materiais de construção, aliando-se o xisto local a grandes silhares de pedra de fora, neste caso reaproveitada, tornam-no muito semelhante, em termos de método construtivo, ao criptopórtico de Mértola. Foi por isso já sugerida uma datação idêntica à do criptopórtico (Macías, 1996, p. 26-28).

São estas as estruturas que se conhecem em Mértola atribuíveis ao período romano. Com excepção das necrópoles, e estas rodeadas de alguma incerteza, os dados conhecidos referem-se apenas à construção a partir do século III. Em termos de estruturas verifica-se um quase vazio em períodos que os vestígios materiais apontam para uma importância económica da cidade. Já aqui falámos dos materiais republicanos. Poderemos falar também dos vidros datáveis entre os séculos I e III d.C. (Alarcão, 1971), da estatuária, que aponta também para datas dos séculos I e II (Souza, 1990, n.ºs 1, 3, 9-12), e de duas lucernas existentes no MNAE, uma de época de Augusto e outra entre o período dos Cláudios e o século II (Almeida, 1953, n.ºs 2 e 110). Foram publicadas ainda duas outras lucernas de Mértola, uma mais tardia e outra sem referência cronológica (Almeida, 1953, n.ºs 233 e 254). Rica em materiais entre os séculos II a.C. e III d.C., desconhecemos o urbanismo dessa época.

Estas incertezas a propósito do urbanismo da cidade deixam vasto campo para o estudo e expectativa quanto a novos dados.

O território da cidade

O interesse da cidade de *Myrtilis* durante o período romano parece derivar dos mesmos factores que em períodos anteriores, a sua extraordinária localização estratégica, em relação com o término da navegabilidade do Guadiana, e a sua relação com o território envolvente, com um subsolo rico.

Os limites do *territorium* mirtilense não foram ainda alvo de estudo aprofundado. Eles parecem no entanto poder definir-se a partir de uma análise sumária da geomorfologia, da

toponímia e da documentação clássica e medieval, conjugada com a aplicação dos polígonos de Thiessen (Fig. 9).

A Sul, é a geomorfologia que delimita este território. O início da serra algarvia constituía certamente um obstáculo de difícil transposição, havendo mesmo autores que duvidem da existência da via *Baesuris-Myrtilis*, em virtude do acidentado do relevo (Torres, 1992, p. 190). O limite para esta fronteira entre as *civitates* de *Myrtilis* e *Balsa*, seria a Ribeira do Vascão, ainda hoje limite entre o Algarve e o Alentejo, e já referida como fronteira Sul do território de Mértola no foral de 1239, logo após a reconquista.

Segundo referência dos autores clássicos, o Guadiana serviria de fronteira entre as províncias da Lusitânia e da Bética. Esta referência de Plínio e Pompónio Mela não parece contudo corresponder totalmente à verdade. Seria incompreensível que o território da capital provincial não se estendesse para a margem esquerda, assim como o território de Mértola romana;

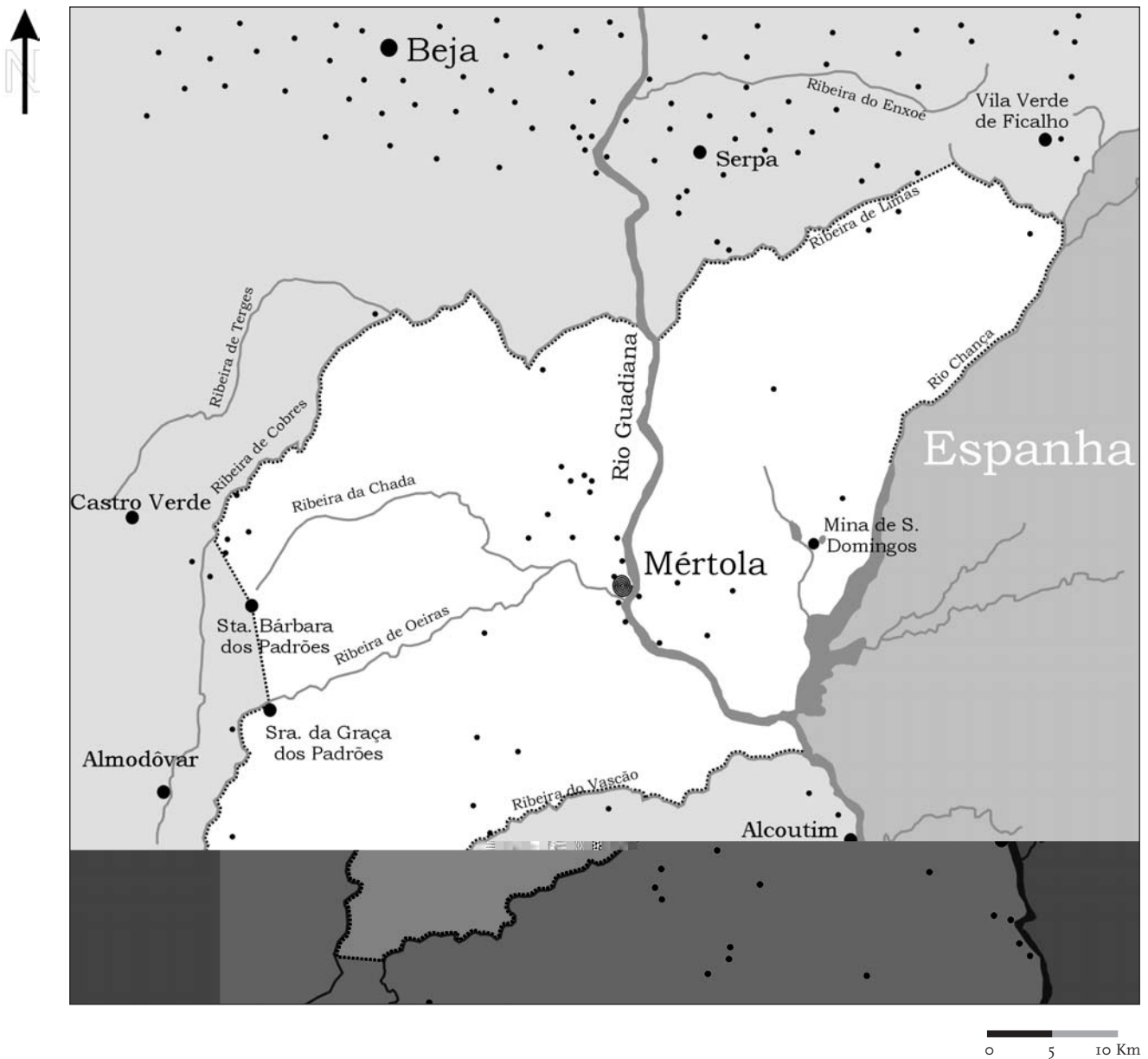


FIG. 9 – Proposta de demarcação do território de Mértola romana (distribuição de achados baseada em Alarcão, 1988b e VvAa, inédito).

e Frontino refere mesmo a centurição de Mérida na margem esquerda do Guadiana (Lopes, 1996, n. 12). A prova de que esta referência clássica não corresponderá totalmente à realidade é a referência no Itinerário de Antonino a *Fines*, povoação localizada possivelmente nas proximidades de Vila Verde de Ficalho, junto ao Chança, na margem esquerda do Guadiana (Alarcão, 1988a, p. 33). A existência de um topónimo com um significado fronteiriço tão evidente, faz com que o limite tenha forçosamente que chegar até ele, seguindo a Ribeira de Chança. Deste modo, será provável que o limite Leste do território de *Myrtilis* fosse esta mesma ribeira.

A Norte, onde confrontaria com *Pax Iulia*, o traçado seguiria, na margem esquerda do Guadiana a linha da Ribeira de Limas, hidrónimo que deverá ter evoluído a partir do latim *limes*. Na margem oposta, continuaria pela Ribeira de Cobres e Terges (Lopes, 1996, p. 67). A Ribeira de Terges aparece também referida como fronteira no foral de 1239.

A Oeste, não existe nenhum acidente geomorfológico que denuncie uma fronteira, e o foral de 1239 refere as matas de Almodôvar como limite genérico. Aqui, o *territorium* desta *civitas* confrontaria com uma outra, *Colarnum*, ou mais provavelmente *Arandis*, que se situaria na região de Ourique, Colos, Santa Luzia ou Garvão (Alarcão, 1990, p. 362). O método dos polígonos de Thiessen faz passar o limite muito próximo de duas de povoações com o sugestivo topónimo de Sra. da Graça dos Padrões (Almodôvar) e Sta. Bárbara dos Padrões (Castro Verde), que apresenta mesmo vestígios romanos (Alarcão, 1988b, p. 201). Era aliás nessa região que passava o limite entre a circunscrição de Mértola com a de Marachique, durante os séculos XII-XIII, duas circunscrições da Ordem de Santiago (*in* Garcia, 1986, Fig. 2).

A ocupação romana deste território é no geral uma incógnita, conhecendo-se poucos vestígios. A riqueza da vila atraiu a atenção dos investigadores, ofuscando o seu território. No entanto, os dados conhecidos apontam para um vazio epigráfico e um reduzido número de *villae*, concluindo-se que a cidade não terá promovido o povoamento do seu território (Alarcão, 1985, p. 101). Não acreditamos num vazio ocupacional, a cidade estaria certamente voltada para o comércio fluvial, mas as riquezas do seu território fazem-nos crer num povoamento mais denso do que aquele que o nosso desconhecimento deixa por enquanto antever. Certamente não estaremos perante um povoamento tão denso quanto o da vizinha *Pax Iulia*, pois os terrenos são muito mais pobres, mas existiria gente, que certamente deixou vestígios.

O *Roman Portugal* (Alarcão, 1988b) regista cerca de catorze estações romanas no concelho de Mértola. Entretanto, com o decorrer das investigações do Campo Arqueológico de Mértola esse número aumenta para a meia centena, num levantamento arqueológico do concelho infelizmente ainda inédito (VVAA, inédito)⁴.

Dos dados disponíveis apenas quereríamos salientar dois aspectos. Por um lado, a importância do *vicus* mineiro que se localizaria na actual Mina de S. Domingos. Se hoje os vestígios romanos são reduzidos, em virtude dos vastos trabalhos de desmonte dos dois últimos séculos, os achados do século passado de colunas, sepulturas, figuras de bronze e uma inscrição (Alarcão, 1988b, p. 200-201) são suficientemente elucidativos para considerar este sítio como um dos sítios com maior importância económica do território de *Myrtilis*, e por conseguinte um dos seus maiores aglomerados populacionais.

Por outro lado, verifica-se a existência, dentro do perímetro traçado, de um outro conjunto de sítios, ainda hoje em discussão, as chamadas *villae* fortificadas, ou *castella*. Exemplo disso são os Castelos de Manuel Galo, Quintã, D. Maior e Papa-Leite, todos localizados na área sudoeste do concelho. Com uma cronologia antiga, estas construções terão estado ligadas à romanização do Alentejo, servindo eventualmente para a exploração de minério.

Também ligado às primeiras fases da romanização deverá estar o povoado de Mata-Filhos, provido de muralha, e onde não se registam *tegulae*, que apresenta um interessante conjunto de ânforas republicanas, já atrás referido.

2.1.4. As relações entre Mértola e o Mediterrâneo

Se em todas as épocas o Homem se explica pela sua relação com o meio, parece-nos aqui evidente a importância deste meio específico para compreendermos a ocupação da região de Mértola desde o I milénio até à romanização. O subsolo e o rio condicionaram o tipo de implantação humana nesta região, que se explica, em grande medida, em função destes elementos.

Mértola, desde pelo menos o I milénio, estaria no centro de uma elaborada rede de contactos, e funcionaria como ponto de ligação entre realidades distantes e bem distintas. Localizado no *terminus* de uma importante via de comunicação natural, e bem defendido, o povoado estava numa situação privilegiada para servir de entreposto comercial entre realidades marítimas e interiores, entre o Alentejo e o Mediterrâneo.

Do Mediterrâneo terá chegado a procura de bens materiais em que a região era fértil. Falamos do minério, não só do seu território envolvente, mas de todo o Baixo Alentejo. Mértola poderia ter servido como porto de exportação dessa riqueza. Em troca, ela recebia novos cânones culturais que integrou na sua própria cultura, bem patentes em determinados objectos de prestígio como a *larnax*, as cerâmicas áticas ou os brincos de Santana da Cambas. Esses cânones terão penetrado por todo o Alentejo a partir deste ponto redistribuidor. Por exemplo, foi demonstrado que a penetração das cerâmicas áticas nos séculos V e IV foi feita a partir do Guadiana e seus afluentes (Arruda, 1997a, p. 97).

Neste mercado, certamente que Castro Marim, porto de entrada do Guadiana, teria um papel fundamental. Prova disso é a grande semelhança entre o seu espólio de cerâmica grega e o de Mértola (Arruda, Barros e Lopes, 1998). É ponto assente que os comerciantes fenícios não se embrenhariam por zonas interiores. Nesse caso, seria Castro Marim o ponto intermédio da importação das ditas cerâmicas (Arruda, Barros e Lopes, 1998). Contudo, pela facilidade de acesso até Mértola, e pela importância do seu porto, não será de todo descabido pensar-se que esse comércio pudesse chegar directamente ao povoado. Mértola funcionaria deste modo como um porto quase mediterrânico, um ponto de ruptura de tráfego, em que se faria o transbordo dos produtos vindos do Mediterrâneo para transportes terrestres, que os difundiriam por todo o sudoeste peninsular. Este mesmo esquema foi já defendido para a difusão da *sigillata* de Andújar (Sillières, 1990, p. 765) e é a partir dele que devemos entender a aparentemente estranha localização geográfica de *Myrtilis* na *Corografia* de Pompónio Mela.

É no seio desta relação de Mértola e do seu território com o Mediterrâneo, que pretendemos interpretar a sua ocupação romana. Foi isso que fez com que tivesse sido escolhida como porta de entrada de entrada para os exércitos romanos logo nos inícios do século II. Foi essa característica que fez dela igualmente o palco das lutas pelo poder em Roma no final da República, e daí os tesouros monetários.

Myrtilis polarizava todo um território, mas a sua importância ultrapassava certamente esse espaço. Com uma localização privilegiada, ela funcionaria como uma cidade aberta, um porto comercial cosmopolita, que juntava gentes de diferentes origens e credos, funcionando como ponto de ligação entre as regiões do Sudoeste e o Mediterrâneo.

A cidade permaneceu aberta ao Mediterrâneo, e será nesse contexto que se compreende o seu fulgor cultural durante o período islâmico. Com as imposições dogmáticas da Reconquista, foram cortados os seus laços com o mar interior e a cidade começou a definhar até ao canto do cisne da exploração mineira do século passado e inícios deste.

Mértola e o seu território apresentam pois características permanentes durante todo o I milénio até à Romanização. A cidade possui riqueza, forma de se aceder a ela e de a escoar

com relativa facilidade. Isto aguçou o interesse das civilizações mediterrânicas que se sucederam ao longo dos tempos, primeiro do mediterrâneo oriental, e depois do mediterrâneo central. É neste contexto, e fruto dessa relação, que podemos interpretar a presença das cerâmicas campanienses em Mértola.

2.2. A natureza da colecção

O conjunto de materiais que agora se apresenta constitui, se não a totalidade, a maior parte das cerâmicas de verniz negro de Mértola. Apesar de todos os fragmentos serem provenientes de Mértola, trata-se de um conjunto extremamente heterogéneo, no que ao seu contexto diz respeito. Não se pode mesmo dizer que estas cerâmicas provenham de um contexto único, mas sim de diferentes zonas da vida de uma cidade antiga (Fig. 10).

Os fragmentos que analisámos são provenientes de um conjunto de campanhas que se têm vindo a desenvolver desde 1979 (118) até 1998 (039) pelo Campo Arqueológico de Mértola.

Ao longo deste tempo, as atenções foram-se concentrando principalmente na zona da Alcáçova de Mértola, mas também no Rossio do Carmo e mais recentemente na Achada de S. Sebastião. De todos estes contextos, apenas registamos fragmentos campanienses provenientes da Alcáçova, entre os que tivemos oportunidade de analisar. Por Alcáçova entende-se toda a plataforma sobre o criptopórtico, cujas ocupações conhecidas se referem já a momentos de finais do século III/inícios do IV, ao período medieval, islâmico e cristão (Torres e Oliveira, 1987; Macías, 1996, p. 56 e segs.), e, segundo notícias mais recentes, a uma ocupação bizantina.

A este espaço faz referência a designação GB, inscrita nos fragmentos, e todas as outras que associam Algarismos a letras (ex. M85/7C/1B). Incluímos igualmente na designação de Alcáçova o único fragmento proveniente do interior do criptopórtico, com a referência GA (039).

A colecção que nos foi entregue para estudo não inclui nenhum fragmento de cerâmica campaniense proveniente dos outros dois sítios que têm vindo a ser escavados mais intensamente. Temos no entanto conhecimento de que o Rossio do Carmo terá igualmente fornecido alguns exemplares, à semelhança aliás do que acontece com as cerâmicas áticas.

Para além desta área da vila velha, que tem sido alvo de uma atenção mais intensiva, tem vindo a ser efectuado, ao longo dos anos, um conjunto de outras pequenas intervenções de salvamento, acompanhando algumas das obras que se vão realizando, particularmente na vila velha. Assim surgem em 1983 e 1984 alguns, poucos, fragmentos de cerâmica campaniense junto às muralhas — por exemplo na zona do tribunal e onde se situa hoje a sede do CAM (Quintal do Cal) —, assim como em alguns quintais localizados entre o criptopórtico, e as tra-seiras da estação dos Correios (Quintais do Sr. Feio e da Sra. A. J. Pereira).

Estas recolhas de 1992 prenunciavam a descoberta de algo de bastante mais significativo nas imediações. De facto, em 1995 realiza-se uma intervenção de emergência na chamada Casa do Pardal, situada na Rua Alves Redol, no exterior do criptopórtico (Lopes, 1995) (Fig. 11). Aí decorria uma obra particular que fez surgir um conjunto importante de materiais arqueológicos, o que motivou a intervenção de uma equipa do CAM. Foram definidos dois grandes cortes com 9,5 m de altura, que foram limpos e registados, e foi recolhida uma grande quantidade de materiais de superfície que abarcam um vasto período desde o Bronze/Ferro até ao período islâmico.

Estes materiais parecem ter-se acumulado ao longo dos séculos, e sobre eles terá sido posteriormente construído um pano de muralhas, datado do final do período islâmico, inícios do domínio cristão (Lopes, 1995). De entre os materiais então recolhidos avulta um importante conjunto de fragmentos campanienses, que constituem parte considerável da colecção aqui apresentada.

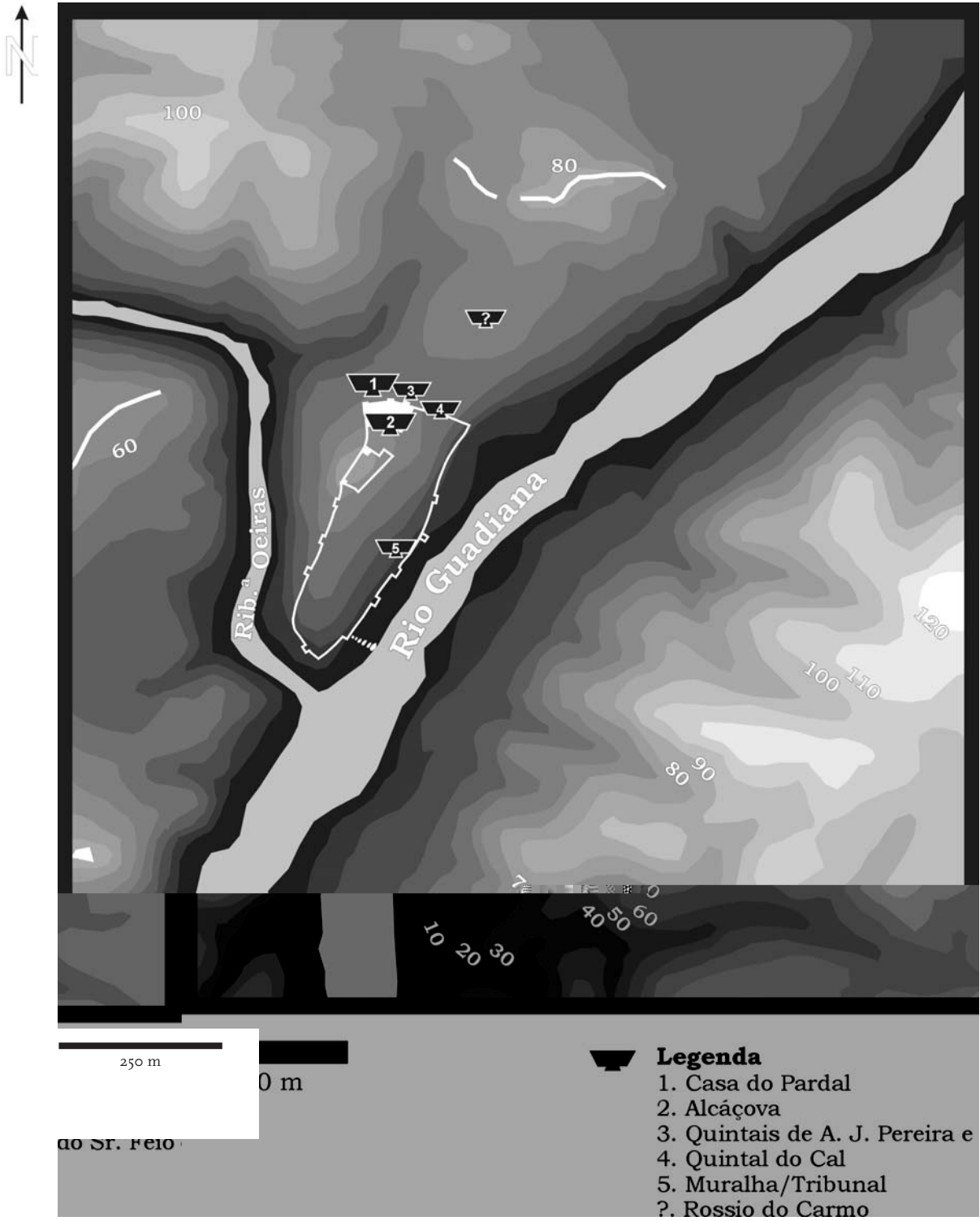


FIG. 10 – Localização dos achados de campaniense em Mértola.



FIG. 11 – Vista da Casa do Pardal e Alcáçova, a partir do Monte de N. S. das Neves.

Em nenhum destes contextos temos a fortuna de possuir dados estratigráficos correlacionáveis com os materiais. Ou porque foram encontrados em contexto secundário, ou porque foram fruto de recolhas mais ou menos fortuitas, fora de um contexto de escavação.

Este facto debilita toda a análise que possamos fazer, pois apenas podemos contar com as comparações tipológicas para classificar e datar os materiais, e nada ficamos a saber do seu contexto original, e da sua ligação com os homens e mulheres que os utilizaram.

Resta-nos apenas o objecto pelo objecto. E este facto é ainda mais limitador se tivermos em conta que se trata na sua maioria de fragmentos de reduzida dimensão, dificultando a sua inserção nas tabelas tipológicas disponíveis, sempre baseadas em vasos completos, e especialmente no caso das campaniense, cuja tipologia é extraordinariamente discriminativa e atenta aos pormenores.

De todos os fragmentos, descrevemos apenas aqueles que possibilitam a definição da sua forma, principalmente bordos, mas também alguns fragmentos com pormenores significativos para esta definição. Teremos sempre que ter em conta que, devido às características de cada uma das formas será sempre mais fácil identificar algumas que outras. Por exemplo, será sempre mais fácil classificar uma peça da espécie 1440, do que qualquer uma do “mundo” dos géneros 2600 a 2900. Isto distorce certamente a nossa visão e impõe-nos limites.

Para além dos fragmentos que possibilitam a determinação da sua forma, descrevemos também aqueles que apresentam algum tipo de particularidade, principalmente no domínio da decoração.

Só descrevemos pés quando estes apresentam algum tipo de decoração, ou são absolutamente identificativos de uma determinada forma. Na sua maioria, os pés das cerâmicas campanienses repetem a mesma fórmula do pé anelar, e a tipologia de Jean-Paul Morel só nos é útil para os classificar se eles tiverem algum pormenor particular.

A cerâmica campaniense de Mértola a que tivemos acesso corresponde a um total de 572 fragmentos. Destes, 256 são provenientes da Casa do Pardal (45%), 234 da Alcáçova (41%), e 75 sem referência (13%). Para além destes três grandes grupos, surge um outro pequeno

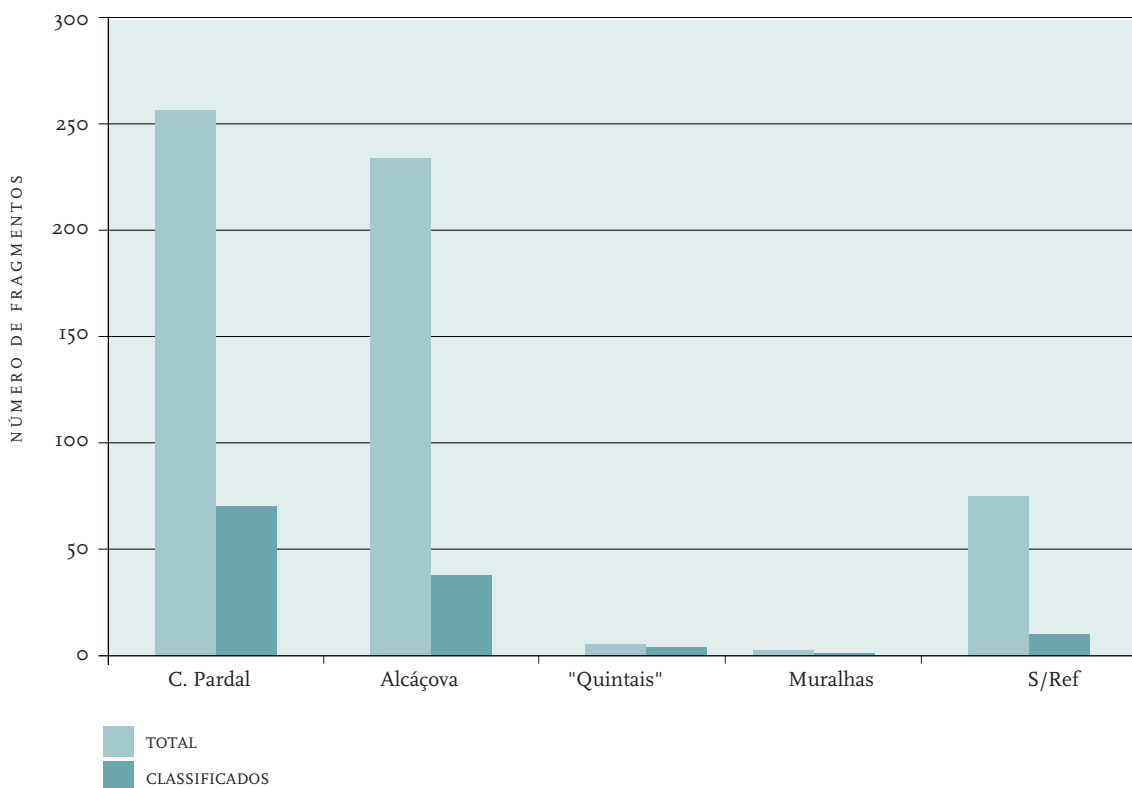


FIG. 12 – Distribuição das campanienses de Mértola por local de origem.

grupo de fragmentos (1%) provenientes dos Quintais de A.J. Pereira (2), do Cal (2) do Sr. Feio (1) e das Muralhas (2).

Do total de 572, foram classificados 123, o que corresponde a cerca de 21%. Destes, a maioria é proveniente da Casa do Pardal, seguido-se a Alcáçova e um pequeno grupo de cerâmicas dos quintais atrás referidos e das muralhas. Para além destes, classificámos ainda 10 fragmentos sem referência (Fig. 12).

A explicação para a diferença entre os fragmentos classificados provenientes da Casa do Pardal e os da Alcáçova ser tão grande encontra-se no facto de os fragmentos da Alcáçova se encontrarem muito fragmentados e não permitirem, na sua maioria, uma definição tipológica.

2.3. Os materiais

2.3.1. Metodologia

Na secção que agora se inicia optámos por descrever os vários fragmentos segundo uma lógica de ordenação por formas, e não por produções, uma vez que como já acima afirmámos, o estudo das produções apresenta inúmeras incertezas, sendo por vezes difícil estabelecer as diferenças. Sob a mesma designação podem estar produções diferentes, e designações diferentes podem referir-se a situações semelhantes. Já a forma pode ser considerado como algo mais objectivo e seguro, e a sua tipologia encontra-se hoje bem definida.

Quanto ao formato da descrição iniciamos sempre com uma breve descrição formal do fragmento e a indicação do diâmetro da peça. Optámos por este procedimento uma vez que

nem todos os fragmentos foram objecto de ilustração, caso contrário, reconhecemos que tal seria desnecessário. Para a descrição formal recorreremos à terminologia empregue na cerâmica comum, nomeadamente usada em Alarcão, 1974 e Dias, 1995, uma vez que estes termos técnicos são tão válidos para a cerâmica comum como para a cerâmica de importação.

Segue-se uma descrição da pasta, onde discriminamos a cor, a dureza, o tipo de fractura e as inclusões.

Quanto à cor, recorreremos ao código de cores dos solos Cailleaux, s.d., mas utilizamos sempre a referência do código Munsell, mais difundido. Consideramos, no entanto, que o código de cores não pode ser usado de forma absoluta para definir produções. Por um lado, a própria observação ocular reveste-se de um carácter fortemente subjectivo, por outro, a cor pode alterar-se em virtude de alterações geológicas num mesmo barreiro, de condições pós-deposicionais, ou simplesmente devido a diferentes posições que diferentes peças possam ter num mesmo forno (Orton, Tyers e Vince, 1997, p. 158). O próprio modo como estudamos a pasta pode provocar alterações cromáticas, como por exemplo quando recorreremos ao corte da fractura. Apesar da reconfortante objectividade que os códigos de cores aparentemente nos dão, não nos devemos basear simplesmente na cor para fazer distinções de produções.

Para além da cor dominante, sempre que tal se verifica, registamos igualmente as alterações de cor nas diferentes zonas da fractura.

Referimo-nos a inclusões e não a desengordurante, uma vez que este termo sugere normalmente uma adição artificial com um determinado objectivo. As inclusões são todos os elementos visíveis na pasta cerâmica, incluindo os espaços vazios (Orton, Tyers e Vince, 1997, p. 87), que muitas vezes correspondem ao negativo de algo que desapareceu com a cozedura.

Na identificação destes elementos optámos por uma terminologia não técnica uma vez que macroscopicamente é impossível classificar inclusões de tão pequeno calibre como aqueles que surgem neste tipo de cerâmica. Deste modo, usamos termos como partículas brilhantes, negras ou brancas, pois as “partículas brilhantes” podem ser aquilo que vulgarmente surge identificado como mica, mas podem também ser grãos de quartzo, e as negras podem ser rocha vulcânica ou outros vestígios minerais, etc. Quanto às inclusões, referimos ainda o seu tamanho (calibre) e homogeneidade (classificação).

Toda a análise da pasta foi realizada de forma macroscópica, com o auxílio de uma simples lupa. No estudo destas cerâmicas seria certamente útil recorrer a um estudo químico ou elementar das pastas de forma a distinguir produções. Este tipo de estudo esteve, no entanto, fora do âmbito deste trabalho.

No que respeita ao verniz, descrevemos a sua cor, eventuais variações, a sua aderência, espessura, tacto, regularidade da superfície, superfície por onde se distribui e estado actual.

Segue-se uma descrição sumária dos elementos decorativos, quando eles ocorrem, seguida da atribuição da forma seguindo a tipologia definida por Jean-Paul Morel.

Tratando-se de fragmentos, a atribuição tipológica é por vezes difícil de definir, sobretudo porque a tipologia das campanienses é muito minuciosa e atenta a todos os detalhes. Por vezes, um simples pormenor faz toda a diferença, noutras é a relação entre bordo e corpo. O mesmo tipo de bordo pode ter duas atribuições tipológicas de acordo com a forma do corpo. Quando se justifica, apresentamos as várias alternativas que se nos afiguram possíveis e as interrogações que se nos colocam.

Pensamos que será errado identificar, de forma taxativa, os diferentes fragmentos que analisamos com os exemplares apresentados por Morel (por ex.: F. 1346 a2), uma vez que, como o próprio nome o indica, trata-se de um exemplar, único e irrepitido. Procuramos assim determinar a espécie, a série, ou, se possível, o tipo a que o nosso fragmento pertence, num crescendo de precisão, nem sempre possível. Quando nos referimos a exemplares não

é com o objectivo de o identificar com o nosso fragmento, mas para ilustrar aquele que apresenta maiores semelhanças com ele.

A definição da classe procura conciliar as características da peça em apreço com identificação da produção da forma atribuída na tipologia. Aqui usar-se-ão os termos referidos no capítulo sobre a definição das campanienses, com as ressalvas apresentadas. O termo produção local ou regional refere-se a produções mal definidas, que aparentemente não terão tido grande distribuição.

A descrição termina com uma atribuição cronológica baseada na forma ou, caso a peça esteja decorada, nessa característica que, fruto da rápida alteração de gostos, é frequentemente um melhor indicador cronológico.

2.3.2. Categoria 1000

GÉNERO 1200

Espécie 1220

008.

M/995/CP

Est. II, 1

Fragmento de bordo simples, esvasado, quase horizontal, a partir de um corpo cilíndrico com um diâmetro de 10,5 cm.

Pasta bege rosada (2,5 YR 8/4), fractura regular, textura fina, dura, com inclusões de pequena dimensão, brilhantes e negras e com alguns alvéolos.

Verniz negro e aderente com reflexos metálicos, algo descascado na superfície do bordo.

F. 1220 (1222, 24 ou 25).

Classe B/B-óide.

A F. 1222 é datável de finais do século II a.C. e a 1224, de finais do II, inícios do I.

Espécie 1230

005.

ME/994 (*referência a escavação efectuada na Muralha – torreão junto ao tribunal*)

Est. II, 2

Fragmento de fundo com pé em bisel e início de parede, formando ângulo obtuso com o fundo, com diâmetro de pé de 5 cm.

Pasta cor-de-rosa (7,5 YR 8/3), muito bem depurada, dura, compacta, com raros alvéolos, fractura suave, com poucas inclusões, embora apresentando algumas partículas brancas e brilhantes de pequena dimensão.

Verniz suave ao tacto, negro mate com algumas manchas acastanhadas escuras, cobrindo toda a superfície visível da peça, com a excepção de algumas áreas no fundo externo.

F. 1230 (pelo ângulo da parede). Muito semelhante ao exemplar F. 1233 b1 pelo diâmetro do pé e fundo hemisférico, no entanto, não pode corresponder a este exemplar, pois ele apresenta uma pasta cinzenta.

Círculo da B.

Século II ou I a.C.

016.

M 995/CP

Fragmento de bordo arqueado com 25 cm de diâmetro.

Pasta rosa (5 YR 7/3), dura, fractura regular, inclusões de fino calibre, bem classificadas, de difícil observação macroscópica, sendo visíveis no entanto pequenas partículas brilhantes e vacúolos ovalados de reduzida dimensão.

Verniz acastanhado brilhante, suave ao tacto mas com imperfeições, aderente e de boa qualidade.

F. 1310, e, sendo a relação entre o bordo e o diâmetro maior que 5 (12,5), deverá corresponder às séries 1312 a 1314.

Classe A.

Século II a.C.

017.

M/995/CP

Pequeno fragmento de bordo esvasado, arqueado, com 14 cm (?) de diâmetro.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), por vezes mais escura (2,5 YR 4/4), dura, compacta, com pequenos alvéolos, raras partículas brilhantes finamente calibradas e bem classificadas, com a excepção de algumas partículas de cerca de 3 mm de cor castanha escura (rocha ígnea?).

Verniz negro com reflexos metálicos, suave ao tacto e aderente.

F. 1310, mais precisamente entre a F. 1311 e a F. 1314 (Podemos colocar a hipótese de se tratar de uma F. 1340/50, embora nos pareça pouco provável).

Classe A.

Século II a.C.

032.

M/995/CP

Est. III, 1

Fragmento de lábio voltado para o exterior, com uma ligação abrupta com início da parede do vaso. Diâmetro de 24,5 cm.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, de secção irregular, com abundantes inclusões de partículas brilhantes de fino calibre, bem classificadas. Presença igualmente de vacúolos de pequena dimensão e, na parte superior do lábio, de um grande vacúolo com restos de uma concreção no seu interior.

Verniz negro mate, fino, muito aderente e algo riscado.

F. 1310, possivelmente 1312 pelas razões apontadas na peça 031, assemelhando-se muito com o perfil e a largura do lábio do exemplar K1, embora este apresente um diâmetro menor.

Classe A.

2ª metade do século II a.C.

033.

M/995/CP

Fragmento de bordo em forma de lábio pendente para o exterior com 21 cm (?) de diâmetro máximo.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), mais escura (5 YR 5/3) na extremidade do lábio, dura, não apresentando inclusões visíveis macroscopicamente, à excepção de vários vacúolos, na sua maioria de pequena dimensão, apresentando o maior deles uma espécie de “casca”.

Verniz fino, aderente, negro, mais brilhante na parte inferior do lábio que no exterior.

F. 1312 (eI, kI, bI).

Classe A.

Século II a.C.

031.

M/995/CP

Est. III, 2

Fragmento de lábio pendente voltado para o exterior, vislumbrando-se uma pequena canelura no seu arranque. Diâmetro exterior do lábio de 27 cm.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, de secção angulosa, com inúmeras partículas negras de médio calibre, bem classificadas, algumas partículas brilhantes e alvéolos de pequena dimensão, envoltos por uma “casca” branca.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, um pouco riscado e desgastado na extremidade do lábio, mais suave na superfície superior do lábio do que na inferior, onde se denotam linhas de torno.

F. 1310, muito provavelmente F. 1312 (Lamb. 36).

Pelo bordo é impossível distinguir entre as 1312 e 1313, uma vez que o que distingue estas duas séries é a profundidade da peça, que, pelas características do fragmento, não podemos apreciar. No entanto parece-nos mais provável que pertença à F. 1312, uma vez que as descrições das pastas dos exemplares da F. 1313 não correspondem às características do fragmento em análise.

Classe A.

Século II a.C.

035.

M85/6D/6E/12/54

Fragmento de parede de vaso com um perfil troncocónico invertido, que se liga ao lábio por intermédio de um ressalto, formando quase uma aresta. Vislumbra-se ainda o início de um lábio pendente para o exterior.

Pasta alaranjada (5 YR 8/4 - “rosa”), dura, de secção suave, apresentando algumas inclusões de partículas brancas de fino calibre, muito bem classificadas e alguns vacúolos de pequena dimensão.

Verniz acastanhado com reflexos metálicos, suave ao tacto, aderente, apenas descascado no início do lábio.

F. 1314.

Classe A.

Provavelmente da 2ª metade do século II a.C.

037.

M/995/CP

Fragmento de parede de vaso, denotando-se o início de um lábio pendente para o exterior separado por um ressalto em aresta.

Pasta castanha avermelhada clara (5 YR 6/4), mais escura em algumas zonas, chegando mesmo ao negro. Raras partículas brancas e brilhantes de pequena dimensão e inúmeros vacúolos, alguns de dimensão considerável.

Verniz negro mate, espesso e bastante aderente, mais liso no interior que no exterior, onde apresenta algumas irregularidades.

F. 1314.

Classe A.

2ª metade do século II a.C.

034.

M995/CP

Pequeno lábio pendente para o exterior, não sendo possível definir o seu diâmetro original, pelas reduzidas dimensões do fragmento.

Pasta rosa (2,5 YR 8/4), apresentando numerosas partículas negras de calibre médio bem classificadas e algumas partículas brilhantes igualmente bem classificadas, mas de pequeno calibre.

Verniz negro brilhante e aderente, muito suave ao tacto.

F. 1310 (?).

Classe A.

Século II a.C.

036.

M/995/CP

Fragmento de extremidade de lábio pendente para o exterior com um diâmetro máximo de 17 cm.

Pasta rosa (7,5 R 7/4), dura, com fractura muito regular, com várias inclusões nomeadamente vacúolos de pequena dimensão e partículas brilhantes finamente calibradas e bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, suave ao tacto e muito aderente.

F. 1310 (?).

Classe A.

Século II a.C.

083.

M995/CP

Fragmento de parede apresentando um ressalto entre o lábio e a parede, tanto no seu interior como no exterior. Diâmetro impossível de determinar.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, de fractura regular, com algumas partículas brilhantes de calibre muito fino, alvéolos, alguns deles de forma alongada, e partículas negras de muito pequena dimensão.

Verniz negro com ligeiros reflexos metálicos, fino, aderente, suave ao tacto, embora apresente algumas imperfeições.

F. 1312-14, 1431 ou 1443.

Classe A.

À volta da segunda metade do século II a.C.

084.

M995/CP

Fragmento de parede apresentando um ressalto entre o lábio e a parede no exterior. Diâmetro impossível de determinar.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, de fractura regular, com algumas partículas brilhantes de calibre muito fino, alvéolos, alguns deles de pequena dimensão, e partículas negras de muito pequena dimensão.

Verniz dourado, um pouco acastanhado no exterior, fino, aderente, liso, mas com imperfeições no interior e principalmente no exterior.

F. 1312-14, 1431 ou 1443.

Classe A/Produção local ou regional.

À volta da segunda metade do século II a.C.

076.

Sem referência

Fragmento de lábio ondulado voltado para o exterior com um diâmetro máximo de 19 cm.

Pasta rosa (10 R 7/3), muito dura e compacta, de fractura regular, com algumas partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, minúsculas partículas negras, assim como alguns vacúolos de diferente dimensão. Um dos vacúolos parece apresentar matéria orgânica.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino aderente, liso e suave ao tacto, principalmente na parte superior do lábio. Do lado inferior, o verniz encontra-se mais desgastado e com estrias.

A extremidade do lábio encontra-se queimada.

O fragmento pode integrar-se na F. 1431 ou na F. 1443. Tendemos mais para esta série devido ao seu diâmetro.

Classe A ou produção local ou regional.

F. 1431 - 150/140 a.C.; F. 1443 - segunda metade do século II a.C.

050.

M82/5A.150

Est. IV, 1

Fragmento de bordo em aba com a extremidade levantada, com 25 cm de diâmetro.

Pasta vermelha (10 R 5/8), dura, com fractura regular, com minúsculas partículas negras, bem classificadas, e raras partículas brilhantes igualmente de fino calibre. O fragmento apresenta ainda uma espécie de aglomerado com tons acastanhados e com 3 mm de diâmetro.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, aderente, mais regular e suave na parte superior da aba, um pouco desgastado na sua extremidade.

F. 1441/1443.

Classe A/produção local ou regional.

Segunda metade do século II a.C.

012.

M/995/CP

Est. IV, 2

Fragmento de bordo com 17 cm de diâmetro.

Pasta rosa (7,5 YR 7/4), dura, muito compacta, de fractura regular, com inclusões finamente calibradas, muito bem classificadas, de difícil identificação através de análise macroscópica, embora deixando ver algumas partículas brilhantes e ocasionais vacúolos de pequena dimensão.

Verniz negro com reflexos metálicos, bastante aderente.

F. 1442 b1 ou 1441 d1 pela forma do bordo, mas a falta do resto da peça impossibilita a distinção. No entanto, o exemplar 1442 b1 possui uma pasta cinzenta, o que não condiz com a presente peça. Já o 1441 d1 é uma produção local ou regional (100 +/-50).

Classe A ou produção local.

Segunda metade do século II, primeira do século I a.C.

077.

M992 Quintal do Sr. Feio

Fragmento de lábio ondulado voltado para o exterior, cujo diâmetro original é impossível de determinar.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, com fractura regular, apresentando partículas negras e brilhantes de fino calibre e bem classificadas.

Verniz negro muito metálico, quase dourado, fino, aderente e suave ao tacto.

F. 1443.

Classe A ou produção local e regional.

Segunda metade do século II a.C.

078.

ME 82/GB/4a/191

Fragmento de lábio ondulado voltado para o exterior, de dimensões indeterminadas.

Pasta rosa (10 R 7/3), de fractura regular, com algumas partículas brilhantes de fino calibre e vários alvéolos de reduzidas dimensões.

Verniz negro, com reflexos metálicos, suave ao tacto, embora apresente estrias da roda de oleiro.

As características do fragmento impossibilitam-nos ter a certeza absoluta quanto à sua orientação original. No entanto, ele parece corresponder a uma forma muito aberta, tipo 1443.

Classe A

028.

M/995/CP

Est. IV, 3

Fragmento de bordo com lábio pendente voltado para o exterior com um ligeiro ressalto para cima na sua extremidade. Diâmetro de 17 cm.

Pasta cor-de-laranja clara (2,5 YR 7/4 - "rosa"), dura, com muitos alvéolos, em geral de pequena dimensão e algumas partículas brilhantes de calibre fino, bem classificadas.

Verniz negro com reflexos brilhantes, fino, descascado na parte inferior e superior do bordo. Na sobeira apresenta-se mais rugoso, notando-se mais as linhas do torno, o que nos leva a definir a orientação do fragmento.

F. 1443 (CI).

Classe A.

Segunda metade do século II a.C.

085 - 090.

M995/CP

Conjunto de fragmentos muito semelhantes, apresentando um ressalto na face interna, sendo a passagem na face externa suave.

Pastas castanhas avermelhadas claras (2,5 YR 6/4), duras, compactas, de fractura regular, muito depuradas, apresentando minúsculas partículas negras e brilhantes bem classificadas, assim como alvéolos, em geral pequenos e arredondados. Um dos fragmentos (089) apresenta num desses vacúolos uma concreção do que parece corresponder a matéria orgânica.

Verniz negro, com reflexos metálicos, fino, aderente, por vezes riscado e desgastado nas arestas, suave ao tacto e mais perfeito no interior que no exterior, onde apresenta estrias de oleiro.

F. 1312-14 ou 1443, mais provavelmente esta última.

Classe A.

Segunda metade do século II a.C.

GÉNERO 1500

Espécie 1550

029.

M85/GB/700

Est. V, 1

Fragmento de bordo de extremo arredondado, com lábio voltado para o exterior e parede denunciando um perfil hemisférico. Sob o bordo apresenta uma canelura e na parede externa três linhas paralelas incisas. Diâmetro 23 cm.

Pasta vermelha (2,5 YR 5/8), muito depurada e compacta, muito dura, de fractura regular, com raros alvéolos de pequeno diâmetro, partículas brilhantes e brancas de fino calibre e bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, muito suave ao tacto, com manchas vermelhas (2,5 YR 5/6) na face exterior da peça, que parecem o resultado do descascar de uma primeira camada do verniz. Na sobeira existe uma fina linha que se encontra privada de verniz. Manchas esverdeadas no interior e exterior.

Não encontramos paralelos exactos na tipologia de Morel. A espécie mais próxima parece ser a 1550, mas nenhum dos vasos desta espécie apresenta um bordo com as características deste. Também a série 2538 apresenta algumas semelhanças, embora os bordos sejam mais altos e os diâmetros mais reduzidos.

A espécie 1550 contém produções locais e regionais da Itália central e centro-meridional com cronologias que oscilam entre o 3º quartel do século IV e meados do III a.C. Já a série 2538 é uma produção da Itália do norte, datada principalmente do 3º quartel do século III.

GÉNERO 1700

Espécie 1740

015.

M995/CP

Est. V, 2

Fragmento de bordo em forma de lábio quase horizontal, com 18 cm de diâmetro.

Pasta cor-de-rosa (7,5 R 7/4), dura, de aspecto grosseiro, fractura regular, com inclusões abundantes, como partículas brancas, finamente calibradas e bem classificadas, e vacúolos de pequena dimensão.

Verniz acastanhado de reflexos metálicos, bastante aderente, de aspecto grosseiro no exterior mas suave ao tacto no interior, apesar de algumas imperfeições.

F. 1740, assemelhando-se muito ao exemplar 1742 CI.

Produção da Apúlia e das costas meridionais do mar Tirreno para F. 1742 CI, embora nesta série haja igualmente produções da classe A.

Fins do século IV a.C. A produção A desta série é da segunda metade dos séculos III/II a.C.

2.3.3. Categoria 2000

GÉNERO 2100

Espécie 2150

064.

M990/16c/1a

Est. VI, 1

Fragmento de fundo de vaso ápode com 5 cm de diâmetro do fundo.

Pasta cor-de-rosa (7,5 R 7/8), dura, de fractura muito regular com pequenas partículas negras e brilhantes de calibre fino e bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, acastanhado no fundo interno externo em virtude do processo de cozedura.

F. 2150, provavelmente entre as séries 2153 e 2154. O fundo apresenta uma canelura, característica que muito assemelha este fragmento ao exemplar 2153 a1.

Apresenta um medalhão no fundo interno, rodeado por uma canelura e por uma linha pintada.

Classe A/Produção local ou regional, eventualmente da Catalunha.

Primeiro quartel do século II a.C.

065.

M81/3A1C/50

Est. VI, 2

Fragmento de fundo ápode.

Pasta vermelha pálida (10 R 6/4), dura, com fractura regular, com partículas negras e algumas brilhantes finamente calibradas e bem classificadas, assim como raros vacúolos.

Verniz negro com reflexos metálicos, um pouco acastanhado no exterior da peça, fino aderente, de aspecto irregular e rugoso ao tacto no exterior.

Apresenta um motivo decorativo no fundo, do qual parece identificar-se uma folha. O medalhão encontra-se envolto por uma canelura e pelo negativo de duas finas linhas que seriam pintadas. Em torno do fundo externo surge uma segunda canelura. Na zona do medalhão o verniz parece ser mais dourado.

F. 2153-2154.

Classe A/Produção local ou regional, eventualmente da Catalunha.

Primeiro quartel do século II a.C.

GÉNERO 2200

Espécie 2230

006.

M.995/C.P.

Est. VII, 1

Fragmento de bordo biselado reentrante sobre parede de perfil rectilíneo, com diâmetro máximo de 18,5 cm.

Pasta camurça (2,5 YR 8/4 - "cor-de-rosa"), com o cerne ocasionalmente rosa claro (10 R 6/8), muito fina e depurada, apenas com algumas inclusões muito finas, brancas e negras, e ocasionais alvéolos de forma regular e pequeno diâmetro, muito dura de fractura regular.

Verniz negro metálico, espesso, aderente, com algumas rugosidades, nomeadamente “linhas de torno”, cobrindo toda a parte visível da peça.

F. 2233.

Círculo da A.

150/140 a.C.

038.

M/995/CP

Est. VII, 2

Fragmento de bordo e parede de taça. Bordo simples com espessamento interno e parede convergente. Diâmetro de bordo de 17,5 cm.

Pasta vermelha clara (2,5 YR 6/6), muito dura e compacta, de fractura regular, com raras partículas brilhantes de calibre muito fino e alvéolos de muito pequena dimensão.

Verniz negro brilhante, muito fino e bastante descascado, principalmente no exterior, onde se apresenta igualmente mais rugoso.

F. 2233 (a1, b1).

Produções da Itália central e setentrional (área etrusca e Campânia do Norte).

Entre o século III e o II a.C.

079.

M995/CP

Fragmento do bordo de pátera com bordo simples, prolongando o perfil da parede. Diâmetro indeterminado.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), muito dura, de fractura muito regular, com minúsculas partículas negras e brilhantes bem classificadas, assim como vacúolos de pequenas dimensões e forma arredondada.

Verniz negro acastanhado, fino, suave ao tacto e aderente, que se encontra ausente na zona do resalto do bordo.

F. 2233, sendo os exemplares a1, a2, b1, c1, j1, os mais semelhantes.

Classe A.

A maioria dos exemplares referidos datam da segunda metade do século III a.C., no entanto o a2, da classe A data de 150/140.

080.

M995/CP

Fragmento de bordo simples de pátera, ligeiramente espessado para o interior com cerca de 20 cm de diâmetro.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, com algumas partículas brilhantes de calibre muito fino e alvéolos.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, suave, descascado na parte superior do bordo e no exterior da parede.

F. 2233/2234.

Classe A.

Meados/segunda metade do século II a.C.

o81.

M995/CP

Fragmento de bordo simples de pátera, ligeiramente espessado para o interior, cujo diâmetro é impossível de determinar.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, com algumas partículas brilhantes de calibre muito fino e alvéolos de pequena dimensão.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, suave ao tacto, desgastado na parte superior do bordo.

F. 2233/2234.

Classe A.

Meados/segunda metade do século II a.C.

o82.

M995/CP

Fragmento de bordo simples de pátera, ligeiramente espessado para o interior, cujo diâmetro é impossível de determinar pelas suas reduzidas dimensões.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, com algumas partículas brilhantes de calibre muito fino e alvéolos de pequena dimensão.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, aderente, suave ao tacto.

F. 2233/2234.

Classe A.

Meados/segunda metade do século II a.C.

Espécie 2240-2250

o74.

Sem referência

Fragmento de bordo de pátera com cerca de 20 cm de diâmetro, apresentando uma inflexão suave na parede.

Pasta rosa (7,5 YR 8/4) muito dura, de fractura sub-concoidal, com algumas partículas brilhantes finamente calibradas e bem classificadas.

Verniz negro com alguns reflexos, suave ao tacto, aderente embora um pouco descascado na parte superior do bordo.

F. 2240-2250.

Círculo da B.

Séculos II-I a.C.

Espécie 2250

o47.

M85 (?)/4 A/700

Fragmento de pátera com diâmetro indeterminado pelas suas reduzidas dimensões. Bordo simples, com inflexão próxima do bordo e sem carena.

Pasta rosa (2,5 YR 7/4), dura, com fractura muito regular, muito depurada, apresentando algumas partículas negras e brilhantes de fino calibre, e alguns vacúolos de muito pequena dimensão.

Verniz negro brilhante, um pouco descascado no exterior, muito suave ao tacto.

F. 2250.
Classe A.

Verniz negro acastanhado com reflexos metálicos, aderente, fino, suave ao tacto principalmente na face interna da peça.

F. 2250, possivelmente 2252 (b1).

Classe A.

140/130 a.C.

010.

M/995/CP

Est. IX, 1

Fragmento de bordo simples de grande pátera com 27 cm de diâmetro.

Pasta castanho muito clara (10 YR 7/4), dura, de fractura regular, com partículas negras e brancas bem classificadas e finamente calibradas.

Verniz negro mate, fino e aderente, suave ao tacto, apresentando contudo algumas irregularidades, nomeadamente vacúolos, “linhas de torno” e concreções várias na face interna do vaso.

F. 2255.

Classe A.

Século II a.C.

057.

M83/RS

Est. IX, 2

Fragmento de grande pátera com bordo simples de extremo arredondado e uma inflexão arredondada junto ao bordo, com 35 cm de diâmetro.

Pasta bege (5 YR 8/3 - “rosa”), dura, com fractura muito regular, apresentando algumas partículas brilhantes de calibre fino e bem classificadas.

Verniz negro mate, espesso, suave ao tacto e sem irregularidades visíveis.

F. 2255.

Classe B.

Primeira metade ou meados do século II a.C.

011.

M/995/CP

Est. X, 1

Fragmento de bordo simples de pátera com 22,5 cm de diâmetro.

Pasta cinzenta clara (2,5 YR 7/0), muito dura, muito compacta, de fractura regular, com inclusões de partículas brilhantes, muito finamente calibradas, de difícil distinção à vista desarmada, muito bem classificadas.

Verniz negro mate, fino, aderente, muito suave ao tacto, sem irregularidades que não sejam as “linhas do torno”. Um pouco descascado na superfície superior do bordo.

Apresenta ainda um furo realizado após a cozedura, testemunhando a existência de um gato de ferro.

F. 2250. Nesta espécie existem vários exemplares cuja pasta é referida como cinzenta: 2253 d1 (II ou inícios de I), 2254 c1 de Ibiza (II ou I) 2254 d1, produção local ou regional (fins do II, 1ª metade do I).

Campaniense de pasta cinzenta/Produção local ou regional, eventualmente “gris ibicenco”.

Século II ou I a.C.

071.

Papel com referência a Quintal do Cal. Obras da muralha.

Fragmento de bordo simples de pátera com 17 cm de diâmetro. Parede com uma inflexão forte, embora suave, próxima do bordo.

Pasta dura, com fractura algo irregular, apresentando várias partículas brilhantes finamente calibradas e bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, aderente e de aspecto algo grosseiro na parte exterior do vaso, denotando várias imperfeições.

F. 2250 (2254-55).

Classe A.

Não encontramos paralelos exactos.

009.

M 995/CP

Est. X, 2

Fragmento de bordo de pátera com cerca de 20 cm de diâmetro.

Pasta cinzenta rosada (7,5 YR 7/2), muito depurada, com pequenas partículas brilhantes, muito compacta e dura, de fractura regular.

Verniz negro mate muito aderente, com algumas imperfeições na sua superfície, embora suave ao tacto no seu todo.

F. 2250, eventualmente 2255 b1 pelo bordo e pela parede muito levantada desde o seu início.

Classe B.

1^a metade ou meados do século II a.C.

(Poderá pôr-se a hipótese de ser uma F. 2257. Neste caso será datada da segunda metade do século II)

045.

Sem referência

Fragmento de bordo simples de pátera, sem possibilidade de definição do diâmetro original da peça. A passagem do bordo para a parede faz-se de forma suave, e a inflexão é próxima do bordo, não apresentando carena.

Pasta rosa (7,5 YR 8/4), dura, compacta, com partículas brancas de pequena dimensão, bem classificadas de pequeno e médio diâmetro.

Verniz negro acinzentado, com reflexos metálicos, superfície lisa, principalmente no interior, mas apresentando algumas imperfeições.

F. 2250, talvez 2255.

Classe B.

Século II a.C.

046.

ME/83 (...) - Muralha ... ?

Fragmento de pátera com 33 cm de diâmetro (?). Bordo simples, com inflexão próxima do bordo e sem carena.

Pasta camurça (2,5 YR 9/0 - "branca"), com abundantes partículas negras finamente calibradas e bem classificadas, e algumas partículas brilhantes medianamente calibradas e classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, muito suave ao tacto, um pouco lascado no bordo e na parte exterior do vaso.

F. 2250, possivelmente 2257.

Classe B.

Segunda metade do século II a.C.

Apresenta como paralelo uma peça de Alcácer do Sal, definida como tipo F de Manuela Delgado (1971, pl. II, n.º 24)

095.

M995/CP

Fragmento de bordo simples com uma inflexão marcada na parede a 2,5 cm do bordo. Diâmetro impossível de determinar.

Pasta rosa (10 R 7/3), dura, compacta, de fractura regular, com inclusões de dimensão diminuta, observando-se apenas algumas partículas brilhantes.

Verniz de fraca qualidade, negro mate no exterior e castanho no interior, tornando-se avermelhado à medida que se desce desde o bordo. Na face externa o verniz encontra-se muito desgastado.

F. 2270.

Produção local ou regional.

Dentro desta espécie estão registados alguns exemplares com verniz idêntico, datados da segunda metade do século I a.C.

049.

M85/GB/700

Fragmento de bordo simples de pátera com 15 cm de diâmetro. O seu perfil apresenta uma inflexão brusca na parede com a parte superior quase vertical e ligeiramente sinuosa.

Pasta rosa (10 R 7/3), dura, de fractura regular, apresentando algumas partículas brancas de fino calibre, bem classificadas e alvéolos de reduzida dimensão.

Verniz acastanhado brilhante (dourado), muito fino e rugoso.

O bordo não é tão reentrante quanto o F. 2263 a1, mas apresenta com este exemplar grandes semelhanças em termos de sinuosidade da parte superior da parede. No entanto, o facto de não ser reentrante, leva-nos a classificá-lo dentro da série 2274, apresentando grandes semelhanças com o exemplar 2274 a1.

Produção local ou regional.

Fim do século II/I a.C.

024.

M/995/CP

Parede e parte do bordo de pátera de grandes dimensões, difíceis de determinar por lhe faltar a parte superior do bordo.

Pasta castanha avermelhada (5 YR 6/3), dura, de fractura regular, com partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas. Presença de vacúolos de pequena dimensão.

Verniz negro acastanhado com reflexos metálicos, aderente, um pouco descascado no exterior, onde apresenta igualmente algumas imperfeições.

Como o bordo não é reentrante e apresenta uma inflexão brusca em relação à parede deverá pertencer à espécie 2270 ou 2280.

Classe A.

Século II ou mais provavelmente século I a.C.

075.

M85/GB/700

Fragmento de bordo simples de pátera com 15 cm de diâmetro. O bordo é esvasado e a parede faz uma inflexão brusca.

Pasta rosa (7,5 R 7/8), compacta, de fractura regular notando-se a presença de raras partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como de pequenos alvéolos.

Verniz dourado, muito fino, de aspecto rugoso principalmente no exterior, bastante riscado e desgastado nomeadamente na parte superior do bordo.

F. 2270-2280, mais provavelmente esta última.

“Campaniense A” ou produção local ou regional.

Século I a.C.

Espécie 2280

018.

M/995/CP

Est. XI, 1

Fragmento de bordo e início de parede de pátera com 19 cm de diâmetro.

Pasta vermelha pálida (10 R 6/4), muito dura, com fractura muito regular, muito compacta, com raras inclusões, algumas partículas brilhantes de fino calibre bem classificadas e alguns vacúolos de pequena dimensão.

Verniz acastanhado com reflexos metálicos, suave ao tacto mas com algumas imperfeições, aderente, cobrindo toda a superfície da peça, embora descascado na parte superior do bordo.

F. 2280, possivelmente F. 2283 (g1).

Classe A.

Século II (140/120) a.C.

020.

M/995/CP

Est. XI, 2

Fragmento de bordo de pátera com 26 cm de diâmetro, fazendo uma inflexão angulosa com a parede do vaso.

Pasta vermelho fraco (*faible*) (10 R 5/2), muito bem depurada, com poucas inclusões visíveis, nomeadamente partículas brilhantes e alvéolos de forma circular e pequena dimensão.

Verniz acastanhado com reflexos metálicos, picado no exterior da peça e descascado na superfície do lábio e na carena.

F. 2280 (83, 84 ou 85).

Classe A (produção local ou regional).

100 +/- 50 a.C.

048.

M995/CP

Fragmento de bordo simples de pátera de diâmetro indeterminado, com uma inflexão brusca próximo do bordo, um pouco esvasado.

Pasta rosa (7,5 R 7/8), compacta, de fractura regular notando-se a presença de partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como de pequenos alvéolos.

Verniz negro com reflexos brilhantes, de aspecto algo grosseiro, notando-se algumas irregularidades na sua superfície.

F. 2280 (por ex. 2284 b1).

Classe “A”.

Século I a.C. (?).

022.

M/995/CP

Fragmento de bordo de pátera com 26 cm de diâmetro. Bordo simples esvasado, apresentando uma carena na passagem para a parede da peça que parece ser convexa.

Pasta rosa acinzentada (2,5 YR 7/2), dura, compacta, de fractura regular, com raras inclusões visíveis a olho nu, com a excepção de alguns alvéolos de pequena dimensão e raras partículas brancas.

Verniz negro acastanhado com reflexos metálicos, aderente, suave ao tacto e com superfície regular.

F. 2280, eventualmente 2285.

Classe "A".

Século II ou I a.C.

052.

M995/CP

Est. XII

Fragmento de fundo plano e pé anelar com friso arredondado com 6,5 cm de diâmetro.

Pasta cinzenta rosada (10 R 8/2), dura, com fractura regular, apresentando inúmeras partículas negras de fino calibre e bem classificadas, assim como algumas partículas brilhantes igualmente de fino calibre. Para além destas pequenas inclusões, a peça apresenta ainda uma pedra negra de dimensões consideráveis (6 x 6 mm), que aflora na superfície interna.

Verniz negro com reflexos metálicos com algumas manchas acastanhadas no exterior, e que está ausente do fundo interno.

O fundo interno apresenta um pequeno círculo gravado no centro e dois outros círculos mais afastados, todos concêntricos e gravados por incisão. Entre estes dois últimos círculos foram gravados quatro finos círculos por intermédio de roleta.

O fundo externo apresenta um grafito de impossível leitura.

Possivelmente entre as 2286.

Círculo da B.

De meados do século II até à primeira metade do século I a.C.

GÉNERO 2300

Espécie 2320

042.

Sem referência

Fragmento de bordo simples de taça com duas caneluras sob o bordo, de diâmetro indeterminado pelas pequenas dimensões do fragmento.

Pasta rosa (5 YR 8/4), muito dura, de fractura regular, com raras partículas brancas e abundantes partículas brilhantes de fino calibre, bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, aderente, suave ao tacto, estalado na parte exterior da peça, onde apresenta um engobe com tonalidades mais baças.

F. 2320.

Classe B/B-óide.

Século I a.C.

043.

M85/GB/700

Est. XIII, 1

Fragmento de bordo de taça com 12 cm de diâmetro e duas caneluras sob o bordo.

Pasta rosa (2,5 YR 7/4), dura, homogénea, de fractura regular, sem inclusões visíveis à vista desarmada.

Verniz negro mate, com manchas castanhas avermelhadas no exterior, suave ao tacto, fino, aderente, apenas descascado na extremidade do bordo.

F. 2320.

Classe B/B-óide.

Século I a.C.

056.

Sem referência

Est. XIII, 2

Fragmento de fundo com pé anelar de faces convergentes, com um diâmetro de 14 cm.

Pasta bege (2,5 YR 8/4 - rosa), dura, com fractura regular, apresentando partículas negras de calibre fino e bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, quase dourado no fundo exterior, onde não reveste totalmente a superfície, apresentando escorrências várias. O verniz é fino, aderente e muito suave ao tacto.

Apresenta dois círculos concêntricos gravados no fundo interior.

F. 2320.

B-óide.

Desde finais do século II até meados do I a.C.

072.

M85/...

Pequeníssimo fragmento de bordo simples com duas caneluras sob o bordo externo.

Pasta rosa (2,5 YR 8/2) muito fina e depurada sem inclusões visíveis.

Verniz negro com reflexos, muito descascado na parte externa, com excepção das caneluras.

F. 2320.

Círculo da B.

Século I a.C.

003.

M 992 (*etiqueta com referência a Quintal do Sr. A. J. Pereira*)

Est. XIV, 1

Fragmento de fundo e pé biselado com 10,4 cm de diâmetro.

Pasta cor-de-rosa (7,5 YR 7/4) muito dura, suave ao tacto, fractura regular sem inclusões visíveis macroscopicamente, com a excepção de algumas partículas brilhantes, apresentando contudo alguns vacúolos.

Superfície interna e externa do pé coberta por um verniz cinzento escuro (7,5 R 4/0). Fundo externo desprovido de verniz, mas com umas manchas que aparentam ser dedadas. No exterior do pé, o verniz apresenta tons de castanho avermelhado (2,5 YR 4/4).

Possui no fundo interno dois círculos concêntricos.

F. 2320 (2321 ou 22). No entanto, o exemplar 2323 dr apresenta-se manchado de vermelho em volta do pé.

Classe B-óide/ local ou regional.

Século I a.C.

004.

M82/33-2a.502

Fragmento de fundo e pé em bisel com 10,6 cm de diâmetro.

Pasta de cor-de-rosa (7,5 YR 8/4) bem depurada, muito dura, com pequenas partículas brilhantes e alguns alvéolos de pequeno diâmetro, suave ao tacto e fractura suave.

Verniz aderente, negro com reflexos metálicos, com uma mancha acastanhada no exterior do pé, e ausente do fundo externo, apenas apresentando aí alguns pingos.

F. 2320 (2321 ou 2322).

Classe B/B-óide.

Século I a.C.

014.

M995/CP

Fragmento de fundo e pé de diâmetro indeterminado.

Pasta rosa (7,5 YR 8/4) muito dura, de fractura irregular, apresentando muitos vacúolos, com partículas brancas e brilhantes, medianamente calibradas e bem classificadas.

Verniz negro, fino, muito lascado, fundo externo privado de verniz, embora com algumas manchas castanhas.

Apresenta no centro do fundo interno um pequeno círculo rodeado por três outros círculos concêntricos.

F. 2323.

Classe B-óide.

1ª metade do século I a.C.

041.

M82/3B.2a.502

Est. XIV, 2

Fragmento de bordo simples de taça com 12 cm de diâmetro. Apresenta três caneluras sob o bordo na superfície externa.

Pasta cinzenta rosa (5 YR 6/2), muito dura, fractura suave, com raras inclusões, tais como partículas brilhantes de calibre fino e alvéolos de pequeno diâmetro.

Verniz negro mate, fino, descascado em largas áreas da peça, suave ao tacto e sem irregularidades visíveis.

F. 2320, talvez 2323, as mais numerosas.

Classe B-óide (?).

Século I a.C.

092.

M/83/6E/2a

Fragmento de pé com faces convergentes e muito oblíquas com cerca de 12 cm de diâmetro. O fragmento apresenta ainda o início da passagem para a parede realizado através de um arredondamento, sem aresta.

Pasta bege acinzentada (5 YR 8/4 - branco) muito fina e depurada, com algumas partículas brilhantes de muito pequena dimensão e bem classificadas.

Verniz negro mate, fino, suave ao tacto, sem imperfeições, mas muito descascado. Apresenta-se manchado em tons de castanho escuro na face interior do pé.

Pé tipo 251, correspondendo certamente a uma F. 2323. Não colocamos a hipótese de ser uma F. 1222, porque nesse caso, apesar da semelhanças do perfil do pé, ele teria forçosamente um diâmetro menor.

Classe B.

Século I a.C.

093.

M83.1.IV.2 a.155

Fragmento de pé com faces convergentes e muito oblíquas com 13 cm de diâmetro. Apresenta uma fina linha incisa junto da superfície de apoio do pé.

Pasta cor-de-rosa (5 YR 7/3), muito dura e compacta, sem vacúolos, de fractura regular, com partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como minúsculas partículas negras.

Verniz negro, dotado de brilho, muito fino e suave ao tacto, com manchas castanhas na face externa do pé e ausente do fundo externo, que apresenta, contudo, alguns escorrimentos.

Pé tipo 252, correspondendo a uma F. 2323.

Produção local ou regional/ Círculo da A.

À volta do ano 100 a.C.

GÉNERO 2500

Espécie 2580

060.

M995/CP

Est. XV, 1

Fragmento de taça com bordo arredondado e parede troncocónica, com dois sulcos visíveis na parede, com um diâmetro de 15 cm.

Pasta castanha avermelhada clara (5 YR 6/3), dura, com fractura regular, apresentando vacúolos de pequena dimensão, partículas brilhantes de calibre fino e bem classificadas, assim como minúsculas partículas negras.

Verniz negro com reflexos metálicos, suave, mas com numerosas estrias, tanto na face interna como na externa.

Apresenta uma linha pintada branca na face interna sob o bordo.

O perfil do corpo parece fazer integrar esta peça na séries 2972/2978, no entanto, devido aos sulcos que apresenta ela deve-se integrar na espécie 2580. Esta espécie não possui no entanto nenhuma série definida, cujas características coincidam com esta peça, sendo a mais próxima a 2587, que integra as peças que apresentam um só sulco. Assim sendo, talvez se deva definir uma nova série, onde serão inseridos os vasos com dois sulcos e perfil troncocónico, a 2588. Pensamos, no entanto, que isto só deverá ser feito a partir de uma peça completa.

A cronologia das cerâmicas com sulcos relativamente distantes do bordo parece estar bem delimitada em volta do ano 300 e a sua produção ter-se-á distribuído pela Campânia e pela zona do Adriático meridional e centro-meridional (Morel, 1981, p. 32, n. 81, 187).

GÉNERO 2600

Espécie 2680

051.

M/997/3B/1e

Est. XV, 2

Fragmento de bordo em aba sob parede ligeiramente aberta, com 24 cm de diâmetro.

Pasta cor-de-rosa (10 R 7/3), muito dura e compacta, com fractura recta sem inclusões visíveis macroscopicamente.

Verniz negro brilhante, fino, muito suave ao tacto, presente em toda a superfície visível da peça, com a excepção de uma fina linha sob o bordo.

F. 2681 (Lamb. 22).

Classe Pré-campaniense/Ática de verniz negro.
Primeira metade ou meados do século IV a.C..

GÉNERO 2700

Espécie 2780

102.

M993/3B/1e

Fragmento de bordo simples de pequena dimensão, o que impossibilita a determinação do diâmetro original da peça e dificulta a análise do perfil da parede, que aparenta ser curva, sem inflexão, possivelmente com bordo reentrante.

Pasta vermelha clara (7,5 R 6/6), dura, de fractura regular com minúsculas partículas brilhantes e negras bem classificadas e alvéolos de pequena dimensão. Apresenta uma concreção de cor acastanhada com 3 mm de comprimento máximo.

Verniz negro, brilhante, fino, aderente, em bom estado, apresentando estrias tanto no interior como no exterior.

Deverá pertencer ao género 2700 (espécies 2760 a 2780), correspondendo às formas Lamb. 24 (F. 2765) ou 25 (F. 2786).

Classe A.

A integrar-se nas formas que apontámos deverá datar-se de meados do século III a.C.

GÉNERO 2800

Espécie 2820

105.

M85/GB/700...

Fragmento de bordo simples não reentrante com inflexão marcada próxima do bordo (c. 2 cm).

Pasta castanha avermelhada clara (5 YR 6/3) dura, com fractura regular, partículas brilhantes e negras, finamente calibradas e bem classificadas. Apresenta ainda vacúolos, um deles, localizado na face externa da parede, profundo e com 4 mm de largura.

Verniz negro, com reflexos metálicos, muito descascado, presente em menos de 1/3 da superfície observável.

F. 2820.

Classe A/Produção local ou regional.

Desde meados do século II até ao I a.C.

104.

M85/GB/700

Fragmento de bordo simples, não reentrante, com ligeira inflexão sob o bordo. Diâmetro indeterminável.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, de fractura regular com partículas brilhantes e negras, de fino calibre, bem classificadas e pequenos alvéolos de forma alongada.

Verniz negro com reflexos metálicos muito picado, principalmente na parte superior.

F. 2820 (?).

Classe A/Produção local ou regional.

Desde meados do século II até ao I a.C.

103.

M995/CP

Fragmento de bordo simples com 24 cm de diâmetro (?), com inflexão brusca próxima do bordo (1,5 cm).

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, com fractura regular vislumbrando-se várias partículas brilhantes e negras, finamente calibradas e bem classificadas, assim como raros alvéolos.

Verniz negro acastanhado, aderente, suave na face interna e rugoso, com muitas estrias, na externa.

F. 2820, provavelmente entre as séries 2821 e 2825.

Classe A/Produção local ou regional.

Desde meados do século II até ao I a.C.

096.

Sem referência

Fragmento de bordo simples de forma aberta, com uma inflexão marcada da face externa a 1,5 cm do bordo. Diâmetro original impossível de determinar.

Pasta rosa (10 R 7/3), dura, de fractura regular com algumas partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como vários alvéolos de reduzidas dimensões.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, suave ao tacto, mas irregular, apresentando várias estrias, tanto no interior como no exterior.

Sendo impossível determinar o diâmetro e tendo só uma pequena parte da parede é difícil integrá-lo na tipologia de J.-P. Morel, no entanto, o seu perfil parece integrá-lo na F. 2820. Apresenta grandes semelhanças com o exemplar 2824 a2.

Classe A.

Meados a terceiro quartel do século II a.C. / “Meados do século I a.C.” para a F. 2824 a2.

025.

M/995/CP

Estreito fragmento de bordo simples, que impossibilita a determinação do diâmetro. Tratar-se-á de uma forma aberta, possivelmente profunda, que vai fechando por intermédio de dois pequenos ângulos.

Pasta vermelha clara (2,5 YR 6/6) no cerne, castanha acinzentada muito escura (10 YR 3/2) na margem interior da peça. Dura, de fractura regular, com muitos vacúolos de diferentes dimensões.

Verniz negro acastanhado com reflexos metálicos.

F. 2820. A série 2821 é a que mais se assemelha, embora a pasta descrita não corresponda à da peça em análise. Talvez se possa apontar a série 2825, datável do 3º quartel do século II a.C.

Classe A (local regional).

GÉNERO 2900

Espécie 2940

107.

M995/CP

Fragmento de bordo simples com parede de perfil arredondado sem inflexão, e um diâmetro de 21 cm.

Pasta, dura, de fractura regular denotando-se partículas brilhantes e negras, de fino calibre e bem classificadas, bem como alvéolos geralmente de pequeno diâmetro.

Verniz negro, com reflexos metálicos, fino, aderente, suave ao tacto, mas de aspecto algo grosseiro.

Embora o fragmento não apresente nenhuma inflexão no perfil, o seu diâmetro faz-nos integrá-lo

na série 2942, que integra grandes vasos, que apresentam uma inflexão nos 2/5 inferiores da parede do vaso, e portanto não visível no fragmento.

Classe A.

Século I a.C.

Espécie 2950

068.

M995/CP (referência a fragmento 2)

Est. XVI, 1

Fundo anelar e parte inferior do corpo de uma taça de perfil hemisférico/troncocónico. O fundo externo apresenta um “umbigo”. Diâmetro do pé: 4,5 cm.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, com fractura regular, apresentando raras partículas negras e brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como vários vacúolos de média dimensão.

Verniz negro, com reflexos metálicos, apresentando manchas avermelhadas na face exterior, junto ao pé. O verniz é aderente, mas apresenta várias irregularidades, principalmente no exterior, mas também no interior da peça, como é exemplo um pequeno círculo marcado pela peça que se lhe sobre pôs no forno.

O fundo interno apresenta os negativos de um motivo pintado, constituído por um ponto central e uma linha circular em sua volta.

F. 2954 (eventualmente F. 2978, que é muito semelhante a esta).

Classe A.

Meados do século II a.C.

Espécie 2960-2980

097.

M995/CP

Fragmento de bordo simples com parede de forma hemisférica, com um diâmetro de 19 cm.

Pasta vermelha clara (7,5 R 6/6), com uma coloração castanha escura (7,5 YR 4/2) na face interna. Dura, compacta, de fractura regular, com raras partículas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como pequenos alvéolos.

Verniz acastanhado brilhante, quase dourado, fino, áspero, aderente, com várias irregularidades nas duas faces e estrias.

F. 2960 ou 2980 (?).

Classe A ou produção local ou regional.

Fins do século II, inícios do I a.C.

098. ME/94/6A/50

099. M995/CP

100. M995/CP

101. M83/GB/700

Conjunto de fragmentos de bordo simples não reentrante com início de curvatura da parede sem inflexão visível. Só o fragmento 098 possibilita a determinação do seu diâmetro (20 cm).

Pastas cor-de-rosa (7,5 R 7/8), duras, de fractura regular, com partículas brilhantes e negras, de fino calibre, bem classificadas, assim como alguns alvéolos de pequeno diâmetro.

Vernizes negros, mais mate no caso dos 098 e 100 e brilhante nos restantes. Suaves ao tacto, aderentes e de boa qualidade.

F. 2960 ou 2980.

Classe A.

Inícios do século I a.C. (?).

Espécie 2970

061.

Sem referência

Est. XVI, 2

Fragmento de taça com bordo arredondado e parede troncocónica, com um diâmetro de 13,5 cm.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, com fractura regular, apresentando partículas brilhantes bem classificadas, com calibre fino.

Verniz negro, com poucos reflexos metálicos, aderente, rugoso, principalmente na face externa, onde apresenta várias estrias.

Apresenta uma linha pintada de branco sob o bordo, na face interior.

F. 2973-78 (eventualmente 2150, se não tiver pé).

Classe A.

Terceiro quartel do século II a.C.

106.

Sem referência

Fragmento de bordo simples com parede de perfil troncocónico. Diâmetro original indeterminável. Pasta vermelha clara (2,5 YR 6/6), dura, com fractura regular, apresentando partículas negras e brilhantes finamente calibradas e bem classificadas, assim com pequenos vacúolos.

Verniz acastanhado (7,5 YR 4/2), com reflexos metálicos, muito aderente, mas com muitas imperfeições, tanto no interior como no exterior, onde se denotam inúmeras estrias.

Sob o bordo (a 6 mm), na face interior, detecta-se o “negativo” de uma linha pintada com 3 mm de espessura.

Não sabendo, pelo fragmento, se a peça era provida ou não pé, não podemos decidir entre as F. 2150 (Lamb. 33a) ou F. 2972-2978 (Lamb. 33b).

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

108.

M995/CP

Fragmento de bordo simples e início de parede troncocónica, com 19 cm de diâmetro.

Pasta vermelha fraca (*faible*) (10 R 5/2) muito dura, com fractura regular, com poucas inclusões visíveis, com a excepção de pequenas partículas brilhantes e negras, assim como raros alvéolos.

Verniz negro, pouco metálico, espesso, aderente, suave ao tacto, mas com algumas estrias visíveis.

Entre as F. 2150 (Lamb. 33a) e F. 2972-2978 (Lamb. 33b), dependendo esta distinção do facto da peça ser ou não provida de pé.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

109.

M995/CP

Fragmento de bordo simples de parede troncocónica sem inflexão visível. Diâmetro de 17 cm.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, compacta, com fractura regular, apresentando partículas negras e brilhantes de fino calibre, bem classificadas, e raras partículas brancas com calibre médio, igualmente bem classificadas.

Verniz negro acastanhado, aderente, de aspecto grosseiro e com algumas imperfeições no interior.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

110.

M995/CP

Fragmento de bordo simples biselado com parede troncocónica e um diâmetro de 17 cm.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, de fractura regular, apresentando algumas inclusões de partículas brilhantes e negras bem classificadas de fino calibre, assim como vários alvéolos, um deles com 4 mm de largura máxima aflorando na face interior da peça.

Verniz negro acastanhado com reflexos metálicos, de superfície mais rugosa na face exterior.

Apresenta os negativos de duas linhas paralelas pintadas na face interna com 3 mm cada, uma a 8 mm do bordo e outra a 22 mm.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

111.

M995/CP

Fragmento de bordo biselado com parede troncocónica de diâmetro original indeterminável.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, de fractura regular, com raras partículas brilhantes de fino calibre e algumas negras bem classificadas, de calibre semelhante, assim como raros alvéolos de dimensão diminuta.

Verniz negro acastanhado, aderente, suave ao tacto, mas de aspecto algo irregular, notando-se estrias na face exterior.

Pequena canelura na face externa, com 2 a 4 mm do bordo e o negativo de uma linha pintada com 2 mm de espessura, a 15 mm do bordo.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

112. *M995/CP*

113. *M 995/CP*

114. *M85/6D-E/10/520*

115. *M85/3A/4A/700*

Quatro fragmentos de bordo biselado de peças com corpo troncocónico. A peça a que pertencia o fragmento 112 tinha um diâmetro de 19 cm, a do 113 tinha 18 cm, e as restantes são impossíveis de determinar.

Pastas castanhas avermelhadas claras (2,5 YR 6/4), duras, de fractura irregular, todas com partículas negras e algumas brilhantes de fino calibre e bem classificadas, assim como raros vacúolos, geralmente de reduzidas dimensões.

Verniz negro, com reflexos metálicos, aderente, de boa qualidade, embora algo rugoso.

Todos os fragmentos, com a excepção do 115 apresentam uma linha branca pintada sob o bordo na face interior. No caso do 112 a linha tem 4 mm e situa-se a 9 mm do bordo, no 113 tem 2 mm e situa-se a 6 mm, e no 114 tem 3 mm e localiza-se a 6 mm do bordo.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

116.

M995/CP

Fragmento de bordo biselado com parede troncocónica, sem inflexão visível e um diâmetro de 13 cm. Pasta vermelha clara (7,5 R6/6), dura, com fractura regular, com inclusões de partículas negras e brilhantes de calibre fino e bem classificadas, assim como alguns alvéolos igualmente de dimensão reduzida.

Verniz negro, com reflexos metálicos, suave ao tacto, bastante desgastado junto ao bordo.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

117.

M995/CP

Fragmento de bordo biselado com parede troncocónica, sem inflexão visível e um diâmetro de 17 cm. Pasta cor-de-rosa (10 R 7/4), com fractura regular, dura, com inclusões de partículas negras e brilhantes de calibre fino e bem classificadas, com raros alvéolos.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, muito desgastado, principalmente na face exterior.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978 (?).

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

118.

M79/GA/1D

Fragmento de bordo biselado com parede troncocónica, sem inflexão visível e um diâmetro de 16 cm. Pasta amarela avermelhada (5 YR 7/6), dura, com fractura regular, com pequenas e raras partículas negras e brilhantes, sempre bem classificadas.

Verniz negro, suave ao tacto, espesso, mas desgastado na superfície do bordo.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

119.

M87/3E/1a

Fragmento de bordo biselado com parede troncocónica, sem inflexão visível e um diâmetro de 21 cm. Pasta cor-de-rosa (7,5 R 7/8), dura, com fractura regular, apresentando muitas partículas negras e brilhantes de calibre fino e bem classificadas, assim como vários alvéolos de diferentes dimensões, um deles com uma concreção brilhante e de cor acastanhada.

Verniz negro acastanhado, com reflexos metálicos, suave ao tacto, principalmente na face interna, desgastado e com estrias na externa.

Entre as F. 2150 e as 2972-2978.

Classe A.

200 ou primeira metade do século II a.C. para as F. 2150, terceiro quartel do mesmo século para as F. 2972-2978.

Espécie 2980

058.

M995/CP

Est. XVII, 1

Fragmento de bordo simples com extremidade arredondada não reentrante, e parede denunciando um perfil hemisférico. Diâmetro de 16 cm.

Pasta vermelha (10 R 5/8), dura, com fractura regular, apresentando partículas negras e amareladas bem classificadas, de calibre fino, assim como minúsculos vacúolos.

Verniz acastanhado, com reflexos metálicos, chegando mesmo a ser dourado, com uma pequena mancha avermelhada na superfície externa, fino, aderente, com uma superfície algo irregular, principalmente na face externa, mas igualmente na interna.

F. 2980, possivelmente entre as séries 2983-2985. A falta do pé da peça impede-nos de a classificar de forma peremptória, embora se nos afigure que provavelmente pertença a esta última.

Classe A.

Entre a segunda metade do século II e a primeira do I a.C.

059.

M995/CP

Est. XVII, 2

Fragmento bordo simples biselado e parede com duas ligeiras inflexões e um diâmetro de 13,5 cm.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, com fractura regular, sem inclusões visíveis macroscopicamente, com a excepção de um grão de rocha aparentemente metamórfica, e pequenos vacúolos.

Verniz negro acastanhado, fino, aderente, rugoso e com várias irregularidades, principalmente na face externa.

F. 2983 ou 2985.

Classe A.

Inícios do século I a.C. (se bem que o exemplar com bordo e diâmetro que mais se assemelham é o 2985 CI, datado de 150/140).

2.3.4. Categoria 3000

GÉNERO 3100

Espécie 3150

039.

M985/7E/16

Est. XVIII, 1

Fragmento de pé alto de perfil troncocónico com bisel e com 5 cm diâmetro.

Pasta vermelha clara (10 R 6/8), muito dura, de fractura regular, com grande número de partículas brilhantes de pequeno calibre e bem classificadas, algumas partículas brancas medianamente classificadas e partículas negras de fino calibre bem classificadas.

Verniz negro acastanhado, brilhante, com manchas castanhas avermelhadas, principalmente no fundo externo, fino e de aspecto grosseiro.

F. 3155 (a1) ou 3131 (a1), 3141 (a1).

Classe A ou produção local.

170 +/- 20 a.C.

2.3.5. Categoria 4000

GÉNERO 4100

Espécie 4110

120.

M85/GB/700

Est. XVIII, 2

Fragmento de asa em rolo, com uma inflexão típica da oficina das “*anses en oreille*”, com um diâmetro de 8 mm.

Pasta cor-de-rosa (7,5 R 7/4), dura, com fractura regular, muito bem depurada, sem inclusões visíveis.

Verniz negro acastanhado, brilhante, fino, suave ao tacto, não cobrindo todo o perímetro da asa.

Oficina das “*anses en oreille*”.

F. 4111.

1^a metade do século II a.C.

GÉNERO 4200

Espécie 4270

094.

M997/3B/1e

Fragmento de bordo simples, com parede externa formando uma curva e contracurva, separadas por uma ligeira aresta, e com um ressalto na face interna. Diâmetro de 19 cm.

Pasta rosa (7,5 R 7/8), dura, compacta, de fractura regular, com partículas brilhantes de muito pequena dimensão.

Verniz negro de muito boa qualidade, brilhante, espesso, com superfície regular, aderente e muito suave ao tacto.

F. 427I, também conhecidas por taças Cástulo ou *stemless cup/inset lip*.

Ática.

Finais do século V a.C., primeiro quartel do IV.

030.

M85/GB/700

Est. XVIII, 3

Fragmento de bordo simples arredondado, de forma aberta com corpo de paredes convexas e ressalto na sua parte interior. Na parede externa detectam-se ainda os arranques de uma asa, disposta horizontalmente. Diâmetro de 13 cm.

Pasta rosa (5 YR 7/4), muito dura, de fractura regular, muito fina e compacta, sem inclusões visíveis e raros vacúolos.

Verniz castanho avermelhado (5 YR 5/3), negro apenas na parte superior da taça, muito suave ao tacto e provido de brilho. Bastante descascado na parte superior do bordo e na parede exterior da peça.

F. 427I (taça Cástulo), embora se aproxime igualmente das F. 422I.

Ática.

Finais do século V a.C., primeiro quartel do IV.

2.3.6. Categoria 7000

GÉNERO 7500

Espécie 7540-7550

007.

M./995/C.P.

Est. XIX, 1

Fragmento de bordo simples esvasado com espessamento, de peça com um diâmetro de boca de 5,6 cm e corpo cilíndrico.

Pasta bege (10 YR 8/3 - castanha muito pálida) com fractura regular, textura fina, dura, com inclusões de muito pequeno tamanho, brilhantes e negras, com raros alvéolos.

Verniz negro com reflexos metálicos, suave ao tacto, fino, ligeiramente descascado no bordo.

F. 7544 h1, classe B (local ou regional), 100+/-50 ou F. 7553 b1, classe B, século II ou I a.C.

026.

M 85/6A/5A/4A/700

Est. XIX, 2

Fragmento de fundo e corpo de *pyxis* com o pé partido e sem o bordo. Diâmetro máximo do que resta da peça de 6,5 cm. A peça vai envasando desde o fundo, para depois iniciar a esvasar. No centro do fundo interno apresenta um “umbigo”.

Pasta rosa (5 YR 8/4), dura, de fractura irregular, muito compacta, sem alvéolos, abundantes partículas brilhantes, finamente calibradas e bem classificadas.

Verniz negro, com reflexos metálicos na sua face externa e acastanhados na interna, bastante aderente, cobrindo toda a superfície da peça, estando no entanto muito descascado no fundo interno.

A superfície da peça encontra-se repleta de incrustações.

F. 7540/50, sendo impossível distinguir entre as duas espécies, uma vez que não parecendo vertical, nos é hoje impossível conhecer o percurso exacto do pé. O pormenor do umbigo pode apontar o exemplar 7545 b1 ou para o 7553 d2.

Classe B.

Século II ou mais provavelmente 1ª metade do século I a.C.

001.

M/995/C.P.

Est. XIX, 3

Fragmento de fundo de *pyxis* com 11 cm de diâmetro máximo de base.

Pasta de cor bege (2,5 YR 8/4 - rosa), muito bem depurada, com inclusões minúsculas, compostas por partículas negras e brilhantes. Apresenta ainda alguns alvéolos de forma oval (calcário/calcite?). Verniz negro espesso e aderente, suave ao tacto, com reflexos metálicos esverdeados. Apresenta-se muito descascado na superfície de apoio da base e algo picado no fundo externo.

F. 7550, possivelmente 7553 a1 pelo rebordo do pé. Não deverá ser a 7551 c1 pela pouca espessura do fundo.

Classe B.

Século II a.C. (?).

002.

M.995/CP

Fragmento de fundo de *pyxis*, com 9 cm de diâmetro máximo da base.

Pasta de cor rosa (2,5 YR 8/4), muito bem depurada, sem inclusões visíveis à vista desarmada, compacta, dura, com fractura de secção suave.

Verniz negro mate, bastante aderente e espesso, suave ao tacto e apenas desgastado na superfície de apoio do vaso.

F. 7550, talvez 7551 a1 ou 7553 d1 (?).

Classe B (apesar de ter uma pasta rosada).

Século II ou I a.C.

2.3.7. Outras formas

Lucerna

013.

M 995/CP

Est. XX, 1

Fragmento de forma fechada, com arranque de asa e o que aparenta ser um orifício central.

Pasta rosa (2,5 YR 8/4), dura, compacta, com fractura regular, superfície não engobada suave ao tacto. Inclusões finamente calibradas e bem classificadas, contendo ocasionais partículas brilhantes, negras e pequenos vacúolos.

Peça engobada exclusivamente no seu exterior, embora apresente escorrências para o interior. Verniz fino e estaladiço com reflexos metálicos, por vezes acastanhado.

A superfície externa apresenta estrias na aplicação da asa, não podendo ser definido como uma característica decorativa.

Dentro da tipologia de Morel a asa e o orifício central só podem apontar para um *guttus*. Assim sendo deverá inserir-se no género 8100, mais precisamente entre as espécies 8150 e 8180. De entre as séries

destas espécies aquela que mais se aproxima é a 8151, pela posição do orifício e pelo que deixa ante-
ver do bojo. Esta série corresponde à classe A datando de 195 +/- 15.

Parece-nos no entanto tratar-se de uma lucerna de verniz negro, do tipo IV-V (Espérou, 1978).
Século II a.C.

Forma fechada

062.

M995/CP

Est. XX, 2

Fragmento de fundo com pé anelar baixo de forma fechada. Diâmetro do pé de 7 cm.

Pasta cor-de-rosa (10 R 7/3), dura, com fractura regular, com raras partículas brilhantes e negras de calibre fino e bem classificadas, assim como alguns pequenos alvéolos.

Verniz negro com reflexos metálicos, aderente, suave ao tacto, totalmente ausente da superfície externa da peça e apresentando manchas com tonalidades avermelhadas junto ao pé e na sua superfície de apoio.

Trata-se certamente de uma forma fechada, mas o facto de nos ser impossível conhecer a sua forma impossibilita a sua inserção tipológica.

Círculo da A.

Sendo uma forma fechada, será provavelmente anterior ao século II a.C.

Fundos decorados

053.

Sem referência

Fragmento de pé anelar desenvolvido, com friso externo semi-arredondado, terminando em aresta e com duas “facettes” na face interior.

Pasta cor-de-rosa (2,5 YR 8/4), muito dura e compacta, de fractura sub-concoidal, com partículas brilhantes de calibre muito fino e bem classificadas, assim como algumas partículas negras.

Verniz negro com reflexos metálicos, com uma superfície muito lisa e suave ao tacto, apresentando contudo algumas manchas na face externa do pé e zonas sem verniz na face interna.

O fundo interno apresenta vestígios de uma fina decoração realizada através de roleta, formando dois círculos concêntricos.

Pela sua face externa pertencerá à série 121, embora nenhum exemplar desta série apresente uma face interna semelhante.

Círculo da A.

091.

M85/GB/700

Fragmento de pé com friso exterior arredondado e face rectilínea. Diâmetro do pé: 6,5 cm.

Pasta cinzenta clara (2,5 Y 7/0), dura, compacta, com fractura irregular e que se fragmenta em lascas. Denotam-se várias partículas brilhantes finamente calibradas e bem classificadas.

Verniz negro muito descascado e em mau estado.

No fundo interno observam-se dois círculos concêntricos.

Pé tipo 152.

Campaniense de pasta cinzenta.

069.

M/80/5A1c

Est. XXI, 1

Pé anelar e fundo fragmentado com c. de 5 cm de diâmetro.

Pasta vermelha clara (10 R 6/6), dura, com fractura regular, apresentando minúsculas partículas negras e brilhantes bem classificadas, assim como vários alvéolos de pequena dimensão.

Verniz negro com reflexos metálicos, suave ao tacto na superfície interior, mais rugoso na exterior.

No exterior do vaso apresenta ainda tonalidades castanhas avermelhadas, enquanto que no interior apresenta um círculo de empilhamento castanho escuro (10 YR 3/2), um pouco descentrado.

Apresenta no centro do fundo interno os vestígios de dois círculos concêntricos pintados a branco.

Pé tipo 211, sendo impossível determinar a forma do vaso.

Classe A.

070.

M995/CP

Est. XXI, 2

Fragmento de fundo de forma aberta com pé anelar e 5,5 cm de diâmetro.

Pasta vermelha (10 R 5/8), dura, com fractura regular, com raras partículas brancas, partículas negras e brilhantes, bem classificadas e de calibre fino. Apresenta ainda alguns alvéolos de forma alongada na zona de ligação entre a parede e o fundo, neste caso vestígios do processo técnico de produção da peça.

Verniz negro acastanhado, com reflexos metálicos, com manchas avermelhadas na parede externa e no fundo externo, suave ao tacto, bastante aderente, apresentando algumas irregularidades na sua superfície. Denota-se uma linha circular no fundo interno, produzida certamente pela peça que se sobrepôs a esta durante o processo de cozedura.

No centro do fundo interno apresenta o negativo de um motivo pintado constituído por uma linha em volta de um ponto.

Pé tipo 212, forma do vaso indeterminada.

Classe A.

123.

M995/CP

Est. XXII, 1

Fundo com pé anelar, com paredes rectilíneas convergentes com 6,5 cm de diâmetro.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura com fractura regular, apresentando partículas negras, brilhantes e amareladas de fino calibre bem classificadas, assim como inúmeros vacúolos de pequena dimensão.

Verniz negro com reflexos metálicos, muito picado, apresentando tonalidades castanhas avermelhadas junto ao pé.

No fundo interno deixa perceber o negativo de uma pintura constituída por um círculo pintado com 9 mm de espessura, que apresenta no seu exterior quatro pequenos falos dispostos de forma radial.

Pé tipo 221b.

Classe A.

054.

M995/CP

Est. XXII, 2

Fragmento de fundo com pé anelar espesso de 8 cm de diâmetro.

Pasta vermelha (10 R 5/8), dura, com fractura regular, com partículas brilhantes, finamente calibradas

e raras partículas negras, igualmente de fino calibre. A pasta apresenta ainda inúmeros alvéolos, alguns de dimensão considerável, que afloram por vezes na face externa da peça.

Verniz negro com reflexos metálicos, círculo de empilhamento acastanhado no interior, que apresenta inclusivamente uma linha marcada, e manchas avermelhadas junto ao pé. Fundo externo privado na generalidade de verniz, apresentando algumas escorrências.

Apresenta dois círculos concêntricos gravados no fundo interno, assim como um orifício, vestígio do uso de um gato de chumbo.

Pé semelhante ao 221b 1, apresentando no entanto uma canelura na junção da face externa do pé com o fundo da peça.

Classe A.

055.

M995/CP

Est. XXIII, 1

Fragmento de fundo plano com pé anelar de paredes rectilíneas com 6 cm de diâmetro, apresentando uma canelura na face interna do pé.

Pasta cor-de-rosa (7,5 R 7/8), dura, com fractura regular com alvéolos, partículas negras de dimensão reduzida e raras partículas brilhantes, todas elas bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, um pouco picado, com manchas avermelhadas junto ao pé. No fundo interno apresenta um pequeno círculo, rodeado por outros dois, todos concêntricos. Apresenta ainda uma marca circular feita pela peça que se lhe sobrepôs durante a cozedura.

Pé semelhante ao 221 b1, embora este não apresente canelura.

Classe A.

040.

M995/CP

Est. XXIII, 2

Fragmento de fundo de taça com pé anelar desenvolvido, com um diâmetro de 6,5 cm.

Pasta rosa (10 R 8/4), dura, compacta, de fractura regular, com raras inclusões visíveis, nomeadamente partículas brilhantes de calibre muito fino e raros alvéolos de pequena dimensão.

Verniz negro com reflexos metálicos, fino, aderente, suave ao tacto, apresentando algumas imperfeições na sua superfície exterior, mas também interior. No exterior é mais baço e apresenta manchas castanhas avermelhadas e algumas linhas.

No fundo interno observam-se 2 estampilhas e o início de uma terceira, dispostas de forma radial e rodeadas por um fino motivo de roleta.

P. 221b.

Classe A.

Meados ou segunda metade do século II a.C.

121.

M995/CP

Est. XXIV, 1

Fundo com pé anelar de faces rectilíneas convergentes, sendo a exterior vertical.

Pasta castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4) com inclusões muito bem classificadas e de calibre muito fino, constituídas por partículas negras e brilhantes.

Verniz negro acinzentado, com reflexos metálicos, aderente, suave na face interna e mais rugoso na externa. Apresenta tons castanhos avermelhados claros junto ao pé, e o fundo externo com várias zonas privadas de verniz, com escorrências várias.

Vislumbram-se três estampilhas em forma de “coração” invertido ou folha, dispostas de forma radial, detectando-se ainda dois troços de um motivo de roleta, que as envolveria.

Pé tipo 221.

Classe A.

Até finais do século II a.C.

122.

M80/AC/2a

Est. XXIV, 2

Fragmento de fundo de vaso com pé anelar de faces rectilíneas convergentes com 7 cm de diâmetro. Pasta vermelha pálida (7,5 R 6/4), dura, compacta, com fractura regular, apresentando algumas partículas negras e brilhantes de fino calibre, bem classificadas.

Verniz negro com reflexos metálicos, aderente, vislumbrando-se parte de um círculo no fundo interno de cor castanha avermelhada escura (2,5 YR 3/4). Denotam-se ainda algumas manchas castanhas avermelhadas (2,5 YR 4/4), mais claras na face exterior do pé e no fundo interno.

No fundo interno, dentro do círculo de empilhamento nota-se uma pequena parte de uma estampilha em forma de palmeta, que deveria ser semelhante à apresentada pelo fragmento 063.

Pé tipo 221.

Classe A.

Meados ou segunda metade do século II a.C.

063.

M995/CP

Est. XXV, 1

Fragmento de pé anelar e fundo.

Pasta cor castanha avermelhada clara (2,5 YR 6/4), dura, com fractura regular, apresentando pequenas partículas negras e brilhantes de fino calibre e bem classificadas.

Verniz negro, com reflexos metálicos, com manchas acastanhadas na face interna e externa do pé. Apresenta uma estampilha em forma de palmeta.

Forma indeterminada.

Classe A.

Meados ou segunda metade do século II a.C.

066.

M85/GB/700

Est. XXV, 2

Fragmento de fundo.

Pasta cor-de-rosa (10 R 7/3), muito dura e compacta, com fractura recta, sem inclusões visíveis macroscopicamente, com a excepção de minúsculas partículas brilhantes.

Verniz negro, brilhante, muito suave ao tacto, fino, um pouco lascado.

Na face interna apresenta uma decoração composta por duas estampilhas dispostas de forma radial, interligadas por linhas exteriores a um círculo com motivo de óvulos.

Forma indeterminável.

Ática de verniz negro.

Finais do século V, inícios do século IV a.C.

067.

M/80/GB/6.../SUD.76

Est. XXVI, 1

Fragmento de fundo.

Pasta cor-de-rosa (10 R 7/3), muito dura e compacta, com fractura recta, com algumas partículas negras de calibre fino e bem classificadas.

Verniz negro brilhante, fino, aderente, muito suave ao tacto, denotando apenas algumas estrias na face externa do fragmento.

O fragmento apresenta duas pequenas estampilhas em forma de palmeta, eventualmente formando um motivo de quatro palmetas radiais.

Forma indeterminável.

Ática de verniz negro.

Finais do século V, inícios do século IV a.C.

Outros

027.

ME/4a/ COMT. 150 82

Est. XXVI, 2

Fragmento de bordo ligeiramente esvasado e espessado, com canelura na sobarba e 13 cm de diâmetro.

Pasta cinzenta clara (5 Y 8/1), muito fina e depurada, dura, compacta, sem inclusões visíveis à vista desarmada e fractura regular.

Verniz negro mate, espesso, muito aderente, suave ao tacto e de muito boa qualidade.

Não encontramos qualquer paralelo com esta forma na tipologia definida por J.P. Morel.

A coloração da pasta poderia apontar para a classe C ou pseudo-C, no entanto a sua extraordinária qualidade, assim como do verniz e a sua ausência da tipologia das campaniense faz pensar em pré-campanienses, eventualmente uma ática de verniz negro. É no entanto sabido que estas apresentam geralmente uma pasta de coloração rosada.

044.

M/88/9/IV/RS

Est. XXVII

Fragmento de pé alto (?) com 7 cm de diâmetro.

Pasta vermelho pálido (2,5 YR 6/2), muito dura, muito compacta, de fractura regular quase sub-concoidal, sem inclusões visíveis.

Verniz negro, fino mas aderente, de boa qualidade, com alguns reflexos metálicos. Superfície externa do pé, ponto de apoio e parte interna do pé privados de engobe.

Não encontramos paralelos exactos. O F. 2539 tem um diâmetro igual, mas um perfil ligeiramente distinto. O F. 2212 a1 tem um diâmetro mais pequeno mas um perfil extremamente semelhante. As peças de ambas as formas correspondem a produções locais ou regionais, datando a primeira do século III e a segunda de meados desse mesmo século.

2.4. Conclusões

2.4.1. As produções

Apresentada a descrição dos exemplares campanienses de Mértola, é pois agora o momento de apresentar algumas conclusões.

O total de fragmentos contabilizado (572) ultrapassa de longe o total de qualquer outra jazida em Portugal. O sítio arqueológico que mais se aproxima é o de Castro Marim, com cerca de 300 fragmentos campanienses (Arruda, 1988), que contudo não se encontram ainda publicados. De igual modo, o número de fragmentos descritos e classificados não apresenta de momento paralelos no território nacional.

Se em termos numéricos as campanienses de Mértola apresentam um carácter notável, o mesmo acontece com a sua classificação em termos de produções. Já aqui mostrámos as nossas dúvidas quanto à correcção da generalidade da classificação por produções. Parece-nos que a simples classificação de forma macroscópica pode gerar equívocos, que se vão repetindo e aumentando, tornando inoperacional a utilização do conceito de classe. Chegou-se assim a um momento em que se balança entre duas tendências, a simplificação das classificações dentro dos três tipos universais ou, por outro lado, a proliferação das “imitações”.

Pensamos que só a análise mineralógica poderá resolver este problema, o que se nos afigura um interessante caminho de investigação, como aliás já foi feito na vizinha Espanha (por ex., Sala Sellés e Ferrandis Ballester, 1997).

Apesar de tudo isto, não poderá proceder-se a uma classificação de cerâmicas campanienses sem a procura de definição de produções. Para isso, fazemos uso da noção de “círculos”, atrás descrita e que procura definir parentescos entre as cerâmicas, sem no entanto ser taxativa quanto à sua proveniência. Assim, ao falarmos de círculo da A estamos a referir-nos a cerâmica seguramente da Classe A, mas igualmente a um conjunto de outras cerâmicas que apresentam pastas semelhantes, mas que surgem por exemplo na tipologia de Jean-Paul Morel como produções locais ou regionais. A título de exemplo, sabemos que as F. 1310, 2250 e 2260 foram imitadas a partir de modelos da A pelos oleiros do Golfo de Lyon, no século II e I (Morel, 1981, p. 496). As questões que se colocam à maioria destas produções locais ou regionais dizem respeito à definição das suas oficinas e da sua dispersão geográfica, que, em princípio, conforme o seu nome indica, não terá sido muito grande.

O caso da classe B é ainda mais dramático, uma vez que a extraordinária aceitação destas cerâmicas, levou a que elas fossem amplamente imitadas, contrafeitas mesmo, o que fez surgir um conjunto enorme de produções paralelas. Aqui, mais do que em qualquer outro caso, se justifica a utilização da noção de círculo.

É geralmente tido por ponto assente que a classe C terá tido uma escassa difusão no Ocidente (Amo de la Hera, 1970, p. 219). Isto não evitou, no entanto, que se tenha generalizado a identificação de todas as produções com pasta cinzenta com esta produção siciliana (Ventura Martínez, 1985, p. 125). A maioria destas cerâmicas presentes na Península Ibérica deverão contudo representar produções locais, seguindo uma tradição preexistente, que deu resposta à invasão comercial da campaniense (Ventura Martínez, 1985, p. 131), e cujo exemplo mais conhecido reside em Ibiza (Amo de la Hera, 1970). À falta de melhor terminologia empregamos aqui a expressão campaniense de pasta cinzenta.

Assim, em termos de produções (Quadro 1), as produções do círculo da A dominam claramente, quer tenhamos em conta apenas o número de fragmentos, ou o seu peso, sempre acima dos 75%. Seguem-se as cerâmicas do círculo da B, incluindo-se aqui verdadeiras B e

B-óides, que variam entre os 12 e os 19 %, consoante tenhamos em conta o número de fragmentos ou o seu peso total. Em terceiro lugar surgem as cerâmicas campanienses de pasta cinzenta, com 1 a 2%, e as áticas de verniz negro, com menos de 1%. Sob a designação de “outras” apresentamos alguns fragmentos não integráveis nas categorias anteriormente descritas, nomeadamente o fragmento classificado como pertencendo à oficina de “*anses en oreille*”.

QUADRO 1

As produções campanienses de Mértola

		ÁTICAS	CÍRCULO DA A	CÍRCULO DA B	PASTA CINZENTA	OUTROS	TOTAL
Total de Fragmentos	N.º	5	482	71	11	3	572
	%	0,9%	84,3%	12,4%	1,9%	0,5%	100%
	Peso (g)	60	3274	815	50	25	4224
	% Peso	1,4%	77,5%	19,3%	1,2%	0,6%	100%
Fragmentos Classificados	N.º	5	92	21	4	1	123
	%	4,1%	74,8%	17,1%	3,3%	0,8%	100%
Relação Fragmentos classificados/ Total		100%	19,1%	29,6%	36,4%	33,3%	21,5%

O domínio esmagador das campanienses A não parece ter paralelos em Portugal. Como vimos atrás, as produções que terão tido maior aceitação comercial em Portugal pertencem ao círculo da B. Não conhecemos nenhum sítio que apresente uma situação semelhante à verificada em Mértola, com a excepção da UE 43, identificada em Mesas do Castelinho. Esta unidade estratigráfica apresenta um predomínio das campanienses A tardias, nomeadamente do género 2900, e está datada de finais do século II.

Fazendo uma distinção dentro da própria colecção (Quadro 2), verificamos que a diferença entre o peso do círculo da A e o da B é mais acentuada na Casa do Pardal, do que na Alcáçova. Enquanto que na Alcáçova as produções do círculo da A representam 60,5%, para 15,8% das B, na Casa do Pardal a relação é de 87,1% para 11,4%. Uma outra distinção importante reside no facto de não se registar qualquer fragmento de ática de verniz negro na casa do Pardal, e apenas um fragmento com pasta cinzenta, enquanto que a Alcáçova apresenta 5 áticas de verniz negro e 3 com pasta cinzenta.

QUADRO 2

As produções campanienses de Mértola por proveniência

	C. PARDAL		ALCÁÇOVA		S/REF		Q. AJ PEREIRA		Q. CAL		MURALHAS		Q. FEIO		TRIBUNAL		TOTAL	
	T	C	T	C	T	C	T	C	T	C	T	C	T	C	T	C	T	C
Áticas	0	0	4	5	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
Círculo da A	237	61	180	23	59	5	1	0	2	1	1	0	1	1	1	1	482	92
Círculo da B	17	8	41	6	11	5	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	71	21
Pastas cinzentas	2	1	6	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11	4
Outros	0	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1
Total	256	70	234	38	74	10	2	1	2	1	2	1	1	1	1	1	572	123

(T = Total de fragmentos; C = Fragmentos classificados)

É importante aqui assinalar, que as cerâmicas de verniz negro de Mértola não se resumem a esta colecção. Como acima referimos, foi já publicado um importante conjunto de cerâmicas áticas de verniz negro (Arruda, Barros e Lopes, 1998), o mais numeroso em território nacional, que totaliza 61 fragmentos, ao qual deverão ser adicionados os cinco aqui registados. Mas se no presente caso eles se restringem à Alcáçova, os já anteriormente publicados provêm também da Casa do Pardal e do Quintal de A. J. Pereira, onde também identificámos campanienses, bem como do Rossio do Carmo. Contabilizando os fragmentos áticos de verniz negro publicados por Arruda, Barros e Lopes (1998) podemos concluir que, no total da cerâmica de verniz negro, Mértola apresenta cerca de 10% de cerâmica ática, 76% do círculo da A, 11% do círculo da B e 2% de pastas cinzentas. Registamos ainda a presença de quatro fragmentos áticos com figuras vermelhas, e um outro com uma estampilha numa face e uma moldura pintada na outra, que deverão merecer uma análise cuidada, acrescentando-se igualmente aos já publicados (Arruda, Barros e Lopes, 1998).

2.4.2. *As formas*

Como é comum, na cerâmica campaniense posterior ao século III, são as formas abertas que dominam na campaniense de Mértola. Não deixa de ser curioso, no entanto, a presença de duas formas fechadas, ambas provenientes da Casa do Pardal. O exemplar 062 não tem atribuição tipológica precisa, enquanto que o 013 deverá corresponder a uma lucerna. Apesar da tipologia de Jean-Paul Morel excluir as lucernas, pensamos tratar-se de um exemplar que, como afirmámos, se assemelha ao tipo IV-V de Lattes (Espérou, 1978), que o autor integra na produção da campaniense A.

As lucernas de verniz negro terão sido produzidas na Itália seguindo modelos gregos, e chegaram por exemplo a Ibiza (Prados Torreira e Santos Velasco, 1984, p. 70-72; Frontini, 1985, p. 18-19). A Casa do Pardal já forneceu três exemplares de lucernas de verniz negro de produção ática (Arruda, Barros e Lopes, 1998). Não se nos afigura que estejamos perante mais uma lucerna ática, uma vez que estas são desprovidas de asa, apresentando geralmente um orifício central muito aberto e, por isso mesmo, se encontram envernizadas interna e externamente, o que não acontece no caso presente.

Dentro das formas abertas, assinalamos um total de 25 espécies distintas. Dominam as páteras, com 52 exemplares (F. 1310, 1440, 1740, 2310, 2240, 2250, 2260, 2270 e 2280), logo seguidas pelas taças sem asas com 44 (F. 1550, 2150, 2320, 2580, 2680, 2820, 2940, 2950, 2970 e 2980), com apenas 6 exemplares as *pyxides* (F. 1220, 1230 e 7540/50) e com 4 as taças com asas laterais (F. 3130-50, 4110 e 4270).

Trata-se de formas fundamentalmente relacionadas com contextos domésticos, utilizadas para comer e para beber, como é o caso das taças de asas. Já a função das *pyxides* é pouco clara, sendo definidas como saleiros, objectos rituais (Morel, 1981, p. 409), ou, em contextos áticos, como contentores de cosméticos ou joalharia, geralmente em ambientes funerários (Arruda, 1997a, p. 161).

Já atrás notámos que as formas mais comuns da campaniense em Portugal são, por ordem de importância a F. 2230/80 (Lamb. 5/7), F. 2320 (Lamb. 1), F. 1220/30 (Lamb. 2), F. 7510/40 (Lamb. 3), seguidas, já a algumas distância, pelas F. 1410 (Lamb. 4) e F. 1312 (Lamb. 36).

QUADRO 3

Formas campanienses representadas em Mértola

FORMAS LAMBOGLIA	FORMAS MOREL	CP	ALCÁÇOVA	MURALHA	AJ PEREIRA	Q. CAL	TRIBUNAL	FEIO	S/REF	TOTAL
	P 121								I	I
	P 152		I							I
	P 211		I							I
	P 212	I								I
	P 221	5	I							6
Lamb. 2	F. 1220	I								I
	F. 1230						I			I
Lamb. 36	F. 1310	8	I							9
	F. 1310/ 1430-40	2								2
Lamb. 6	F. 1440	8	2					I	I	12
	F. 1550		I							I
	F. 1740	I								I
Lamb. 33a	F. 2150		2							2
	F. 2150/2970	8	4						I	13
Lamb.5/7	F. 2230	6								6
	F. 2240-50								I	I
	F. 2250	6	3	I		I			I	12
	F. 2270	I	I							2
	F. 2270/80	I	I							2
	F. 2280	5								5
Lamb. 1	F. 2320	I	5		I				3	10
	F. 2580	I								I
Lamb. 22	F. 2680		I							I
	F. 2820	2	2						I	5
	F. 2940	I								I
	F. 2950	I								I
	F. 2960/80	3	3							6
Lamb. 33b	F. 2970								I	I
Lamb. 31c	F. 2980	2								2
	F. 3150		I							I
	F. 4110		I							I
	F. 4270		2							2
Lamb. 3	F. 7540/50	I	I							2
	F. 7550	2								2
	Lucerna	I								I
	Fechada	I								I
	Indeter.	I	4							5
	Totais	70	38	I	I	I	I	I	10	123

Em Mértola (Quadro 3), as espécies com maior número de fragmentos são de facto as F. 2230/2280, totalizando 28 fragmentos. Dentro destas sobressai fundamentalmente a F. 2250, seguindo-se, por ordem de importância, a 2230, a 2280, a 2270 e a 2250. Os exemplares de Mértola pertencem na sua maioria ao círculo da A, estando a B representada em menor número, com especial incidência na espécie 2250. As A representadas nesta espécie poderão ser oriundas do Golfo de Lyon, que, como já referimos, imitou esta forma italiana (Morel, 1981, p. 496).

A F. 2320 surge igualmente bem representada, com 10 fragmentos. Esta espécie é geralmente associada ao círculo da B, e os fragmentos de Mértola confirmam-no. Surge no entanto um fragmento de pé (093) que parece apontar para a classe A. Isto parece explicar-se pelo facto desta produção ter, a partir de meados do século II, copiado formas da B, como a F. 1224 e 2323, com maior sucesso comercial (Morel, 1981, p. 521).

É interessante notar que a maioria destes fragmentos provem da Alcáçova, estando a Casa do Pardal representada por um único fragmento.

As *pyxides* da forma Lamb. 2 surgem aqui representadas por apenas dois exemplares, um F. 1220 da Casa do Pardal, e outro F. 1230 da muralha junto ao tribunal. As *pyxides* mais comuns em Mértola são as F. 7540/50 (Lamb. 3), representadas por 4 exemplares, três da Casa do Pardal e um outro da Alcáçova, todos da classe B, apesar de um deles apresentar uma pasta rosada.

A forma Lamb. 4 (F. 1410) não surge representada. Já a F. 1310 (Lamb. 36) surge com nove fragmentos, sendo oito da Casa do Pardal. Trata-se de uma forma típica da A tardia, que foi imitada por oleiros de Lyon (Morel, 1981, p. 496, 521, nota 121). A cronologia desta espécie aponta para o século II, e em Portugal encontra-se atestada apenas em Alcácer do Sal, com cinco exemplares, e em Setúbal e Santiago do Cacém, com um cada (Delgado, 1971).

A F. 1310 apresenta algumas semelhanças com a F. 1440 (Lamb. 6), e daí o facto de classificarmos 2 fragmentos entre as duas. A F. 1440 surge representada com 12 exemplares, principalmente na Casa do Pardal, um valor notável considerando que esta forma se encontrava inédita em Portugal.

Para além destas, mais comuns, outras formas de Mértola encontram paralelos em Portugal. A F. 2150 (Lamb. 33a), presente com dois fragmentos seguros na Alcáçova, encontra-se igualmente representada em Armês, Sintra (Sousa, 1996). Esses exemplares não apresentam contudo a decoração inscrita nos de Mértola. O tipo das bases ápodas das F. 2150 foi produzido na Sicília, na Etrúria e Lácio, por volta do século III, pela A (F. 2152-3) à volta de 200, e na Catalunha (F. 2154), na mesma época (Morel, 1981, p. 469). Voltaremos a esta forma quando tratarmos das decorações.

A F. 2820 surge representada com 5 exemplares repartidos entre a Casa do Pardal e a Alcáçova, na sua maioria eventualmente pertencentes à série 2825 (Lamb. 27b). Esta série, que foi seguramente produzida pelas oficinas de Nápoles, encontra-se igualmente representada em Maiorca, com 4 exemplares estampilhados (Imperial, 1998).

Ao género 2900 atribuímos 11 fragmentos. Destes, seis pertencem à F. 2960/80, dois à F. 2980 (Lamb. 31c), seguidas pelas F. 2940, 2950 e 2970 (Lamb. 31c), com um exemplar cada. Estas formas surgem por exemplo representadas em Mesas do Castelinho e Vaiamonte (Fabião e Guerra, 1994; Fabião, 1996).

Os pés altos são raros nas campanienses de Mértola, mas surge-nos no entanto um exemplar na Alcáçova, que encontra paralelos em Portugal. Trata-se do fragmento 039, que classificamos entre as F. 3131 (forma 68), 3141 e 3155, o que o aproxima muito de um exemplar quase completo de Santiago do Cacém (Delgado, 1971).

O exemplar 051, classificado como F. 2680 (Lamb. 22), não deverá ser considerado verdadeiramente campaniense devido às suas qualidades técnicas, devendo por isso juntar-se aos materiais áticos já conhecidos em Mértola. O mesmo acontece ao 094 e 030, que se integra na F. 4271, mais conhecida por taça Cástulo, com 11 fragmentos de Mértola já publicados (Arruda, Barros e Lopes, 1998). Deixamos aqui ainda o registo de mais dois fragmentos de pé típico das taças Cástulo, que se deverão acrescentar aos já publicados. Estes fragmentos não deverão corresponder a dois dos já publicados, uma vez que as referências não coincidem.

Para além destas formas com paralelos em Portugal, surge-nos ainda em Mértola um conjunto de formas inéditas nesta zona do ocidente peninsular.

O fragmento 015 (F. 1742), da Casa do Pardal, reveste-se de algum interesse pois a sua forma é igualmente desconhecida em Portugal, e datará, o mais tardar, do século II a.C.

O fragmento 029, da Alcáçova, não apresenta paralelos exactos na tipologia de Morel, embora se aproxime das F. 1550 e 2530.

O fragmento 060 não encontra paralelos exactos na tipologia das campanienses. Se o seu perfil o aproxima das séries 2972/2978, já os sulcos que apresenta na face externa da parede nos obrigam a classificá-lo na F. 2580, uma vez que esta característica é definidora desta espécie. Contudo, esta espécie não apresenta qualquer exemplar com dois sulcos, mas apenas com um. Assim sendo, e devido à natureza aberta da tipologia de Morel, talvez se deva criar uma nova série para os vasos com dois sulcos na face externa e perfil troncocónico, a F. 2588. Não nos atrevemos a tal, pois isto só deverá ser feito a partir de peças inteiras. Este exemplar de Mértola não é aliás caso único, o depósito votivo junto à Ara della Regina, na Tarquínia, fornece um exemplar que se pode aproximar (Comella, 1982, Tav. 113, n.º 34).

A presença de vasos com asas é excepcional em Mértola e restringe-se à Alcáçova. O fragmento 120 é uma asa, que apresenta as características das asas da oficina das “*anses en oreille*”, F. 4111. Para além desta asa identificámos 9 outros fragmentos de asas em rolo, todos da Alcáçova. Estes fragmentos, com maior diâmetro (à volta de 1 cm) deverão ser integrados nas taças

2.4.3. As decorações

Já aqui referimos que a cerâmica campaniense é uma cerâmica tendencialmente não decorada. Isto não quer dizer que ela não o fosse de todo, e referimos alguns casos, sempre anteriores ao século II, em que o foi de forma exuberante.

As campanienses de Mértola apresentam o mesmo repertório reduzido e estandardizado de toda a decoração campaniense, apresentando contudo algumas inovações.

No círculo da B registamos apenas quatro exemplares com círculos concêntricos, na sua maioria pertencentes à espécie 2320 (003, 014, 056), e um outro (052), eventualmente uma F. 2286, portador de um pequeno círculo central, e dois outros, mais afastados, com quatro linhas de finas *guilhocures*. Este fragmento apresenta ainda no fundo externo um grafito indecifrável.

Existe ainda um fragmento com pasta cinzenta com círculos concêntricos (091).

No círculo da A, os exemplares decorados são mais numerosos, certamente devido ao facto deste grupo ser maioritário em Mértola. Tal como nas formas, a decoração da A é igualmente estandardizada, seguindo um de quatro modelos: sem decoração, com roseta central, com círculos concêntricos, ou com quatro estampilhas radiais (Morel, 1981, p. 492, n. 16).

Dos motivos referidos, só a roseta está ausente. Os círculos concêntricos surgem em nove fragmentos (por ex. 053, 054 e 055) e a roleta em sete (por ex. 040, 053 e 121), do total observado. Os círculos concêntricos terão surgido por volta do terceiro quartel do século II, generalizando-se com o fim das estampilhas (Morel, 1978, p. 158). Os motivos de roleta surgem geralmente associados às estampilhas, que identificámos em oito fragmentos.

Dois deles (066 e 067) são tipicamente áticos, datados de finais do século V, inícios do IV, e deverão juntar-se aos três já conhecidos de Mértola (Arruda, Barros e Lopes, 1998). Se o 067 apresenta simplesmente duas palmetas, eventualmente ligadas, já o motivo do 066 revela maior complexidade, com duas palmetas ligadas, exteriores a um círculo de óvulos, formando um motivo, que completo, se deveria assemelhar a um exemplar de Alcácer do Sal (Ferreira, 1971, fig. 2, n.º 1).

Para além destes, registamos mais quatro fragmentos estampilhados, integráveis no círculo da A (040, 063, 121 e 122). O 040 apresenta duas estampilhas em forma de palmetas, constituindo muito provavelmente um motivo de quatro, dispostas radialmente e rodeadas por um motivo de roleta. Este exemplar apresenta semelhanças interessantes com quatro exemplares encontrados em Maiorca, Figueira da Foz (Imperial, 1998). Semelhantes também deveriam ser os motivos inscritos nos fragmentos 063 e 122. O primeiro apresenta uma estampilha idêntica completa, e o segundo apenas uma pequena parte, inscrita no entanto dentro de um disco de empilhamento, o que nos pode fazer pensar na fraca qualidade das campanienses A, mesmo quando decoradas, ou num aproveitamento decorativo de um defeito de produção, devido ao contraste cromático. A nenhum dos dois fragmentos foi possível atribuir forma.

Este tipo decoração encontra paralelos em Santarém, numa forma Lamb. 27, decorado com palmetas ovais impressas, limitadas por *guilhocé* fino, datado do 3º quartel do século II a.C. (Arruda, 1993, p. 202-203), nas seis peças de Maiorca (Imperial, 1998), e em Mesas do Castelhinho (Fabião, 1998, p. 308).

Um quarto fragmento de Mértola (121) apresenta igualmente um motivo estampilhado, composto aqui por três estampilhas dispostas de forma radial, circundadas por um motivo de roleta. Neste caso, as estampilhas são distintas das anteriores, assemelhando-se a uma folha, ou a um coração invertido, o que apresenta paralelos com Cartagena (Pérez Ballester, 1986, fig. 10 n.º 18-21). Desconhecemos paralelos no território nacional.

O desaparecimento das estampilhas inscritas na campaniense A é geralmente relacionado com o fim do século II. Apesar disto, e com base nas campanienses de Cartago, Jean-Paul Morel aponta o ano 146 a.C. (Morel, 1978, p. 158). A associação de alguns fragmentos com este motivo a ânforas da classe 3 em Maiorca, apontam para uma data posterior, 130 a.C. (Imperial, 1998). Uma precisão mais fina seria desejável, tendo em conta as diferenças entre estampilhas.

Finalmente deveremos referir os dois exemplares da F. 2153/4 (064 e 065), que apresentam no seu fundo interno um motivo circular estampilhado de maiores dimensões, em forma de medalhão. De difícil percepção, pelo seu estado fragmentário, esta decoração deveria tomar originalmente a forma de motivos vegetalistas. Esse medalhão surge envolto por uma canelura, bem como por um (064) ou dois (065) círculos pintados, dos quais restam apenas os negativos.

Desconhecemos qualquer paralelo para estas decorações, que, pela sua particularidade nos parecem dever integrar-se numa oficina específica. Sabendo nós que as F. 2153 foram produções da classe A e as F. 2154, bastante decoradas, foram produzidas na Catalunha, ambas à volta de 200 (Morel, 1981, p. 469, notas 107 e 108), colocamos a hipótese de se tratar de uma produção catalã, uma vez que desconhecemos este tipo de motivos na classe A. Por outro lado, a pasta destes nossos fragmentos parece ser mais compacta que os restantes fragmentos da A, notando-se a ausência dos típicos vacúolos.

Para além deste tipo de decorações, a técnica mais empregue na campaniense de Mértola é a pintura, presente em 19 fragmentos, 14 na face interna, junto ao bordo e, 6 no fundo. Contabilizamos como pintados todos aqueles que, apesar de não apresentarem verdadeiramente pintura, apresentam a sua marca em negativo. Esta técnica não surge muitas vezes referida, mas uma observação cuidada poderá mesmo, como veremos adiante, revelar surpresas.

A pintura na parede interna apresenta-se sempre sob a forma de uma (060, 061, 106, III-II4), ou excepcionalmente duas (110), finas linhas de cor branca, realizadas com o auxílio do torno, a pouca distância do bordo. Complementando este motivo, ou como alternativa a ele, alguns fundos (068, 069, 070) apresentam um ponto central, circundado por uma linha. Caso notável é o fragmento 123, que, embora em muito mau estado, deixa ainda perceber o negativo de uma pintura semelhante às anteriores, mas que neste caso é rematada por quatro pequenos falos, dispostos de forma radial. Desconhecemos qualquer tipo de paralelo para este tipo de decoração, tanto no actual território nacional, como no restante mundo das campanienses.

2.4.4. *Cronologia*

Tratando-se da cerâmica da conquista romana da Península Ibérica, a cerâmica campaniense tem uma importância cronológica fundamental. Apesar disto ela é uma das mais mal datadas, devido, por um lado, às condições históricas da evolução das técnicas de investigação arqueológica, mas também devido às suas próprias características (Morel, 1981, p. 52). O facto de se assistir à manutenção de um mesmo repertório de formas durante largos decénios, formas essas, sobretudo na classe A, de gosto arcaizante, e de assistirmos também à multiplicação das produções, não contribui para uma precisão cronológica.

As campanienses de Mértola pouco poderão contribuir para este esclarecimento. A falta de uma clara contextualização estratigráfica dos achados, no caso da Casa do Pardal, e o facto de surgirem em deposição secundária, na Alcáçova, são fortes limitações para qualquer tipo de atribuição cronológica.

Apenas poderemos contar com o objecto em si, mais precisamente com a sua forma, bem como com a comparação deste conjunto com outros contextos identificados em escavação.

O primeiro dos critérios pode ser frágil a dois níveis. Em primeiro lugar, muitas das formas encontram-se mal datadas e, por outro lado, tratamos de fragmentos, e uma errada definição tipológica poderá desencadear uma avalanche de equívocos. Apesar disto, se pensarmos em termos de conjuntos essas falhas terão tendência a diluir-se. Assim sendo, dividimos colecção das campanienses de Mértola pelos seus dois contextos mais significativos, a Casa do Pardal e a Alcáçova.

Em termos cronológicos, a Casa do Pardal (Fig. 13) apresenta um conjunto extraordinariamente homogéneo e que se integra, na sua esmagadora maioria, dentro da segunda metade do século II a.C. Fora deste âmbito, registam-se contudo alguns exemplares que se afastam um pouco da média. Esse é o exemplo dos fragmentos 015 e 038, ambos justificados pelo facto do âmbito cronológico da sua série ser demasiado amplo. Com datações mais baixas, figuram os exemplares 014, 048, 095, 099, 100 e 107. A maioria destes fragmentos tem uma atribuição formal e cronológica insegura, e a sua precisão poderá aproximá-los do âmbito definido. Finalmente, o 014, uma produção B-óide da F. 2320, poderá de facto sair já do século II a.C.

O âmbito dos fragmentos da Alcáçova é mais alargado e heterogéneo (Fig. 14). É aqui que encontramos os exemplares mais antigos, como sejam os exemplares áticos (030, 051, 066, 067 e 094), ou outros com atribuição insegura (029 e 102). Referimo-nos aqui exclusivamente aos materiais por nós estudados, mas não nos deveremos esquecer que a Casa do Pardal forneceu igualmente cerâmicas áticas já estudadas por Arruda, Barros e Lopes, 1998. Na primeira metade do século II, surgem-nos formas ausentes da Casa do Pardal, como sejam os vasos ápodes (064 e 065), e os vasos com asas (039 e 120). As formas da

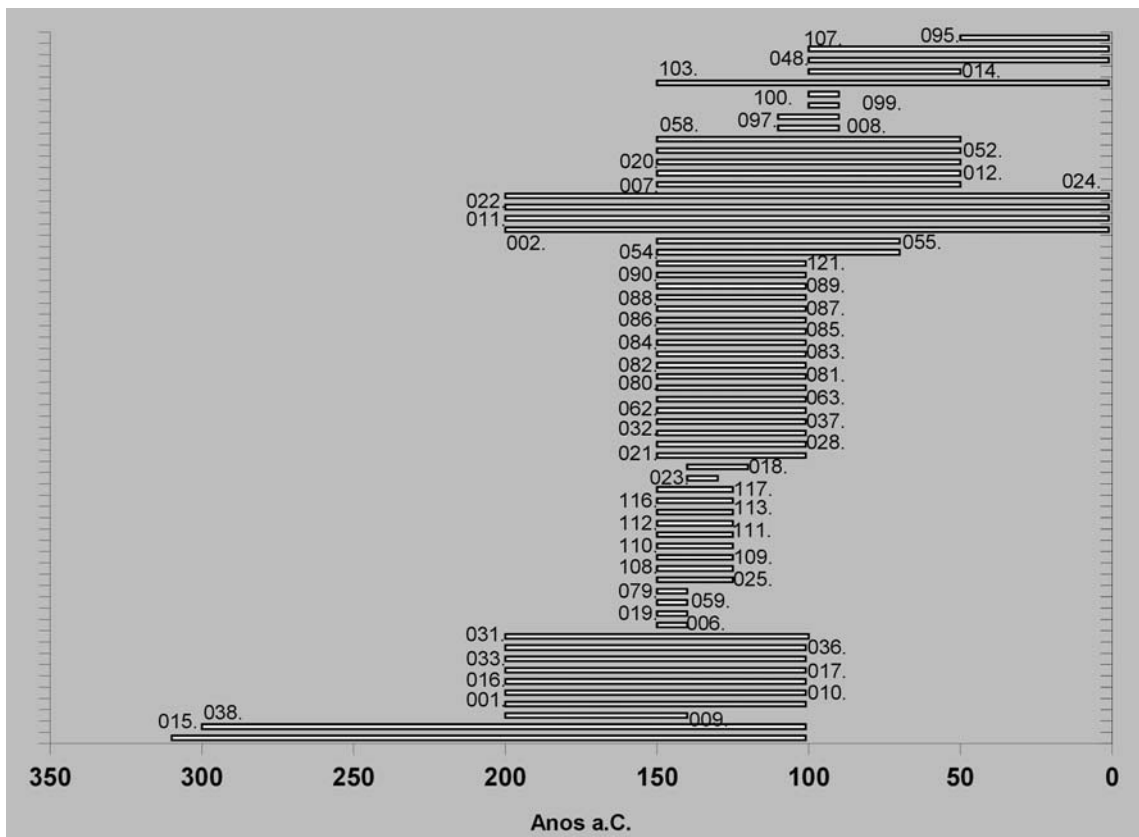


FIG. 13 – Cronologia das formas representadas na Casa do Pardal.

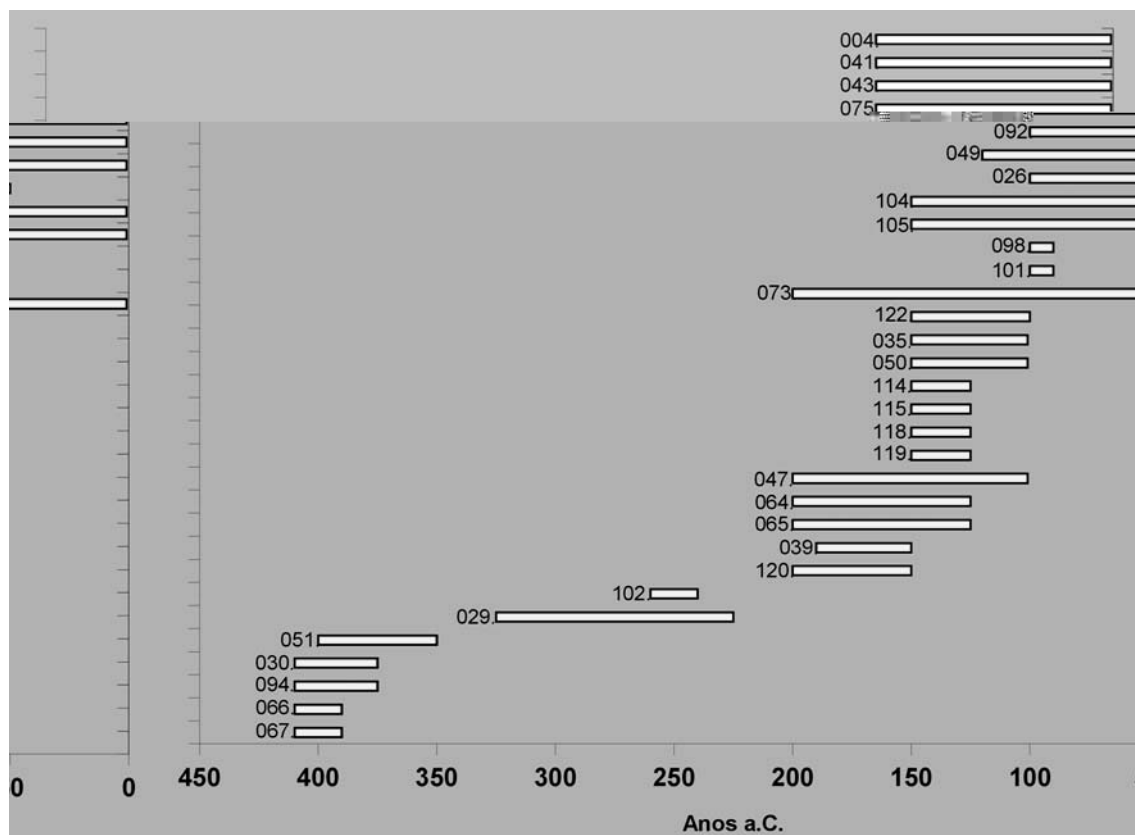


FIG. 13 – Cronologia das formas representadas na Casa do Pardal.

segunda metade correspondem às identificadas na Casa do Pardal, como sejam as F. 1314 (035), F. 2250 (047), F. 2150/2970 (114, 115, 118 e 119), assim como a palmeta do 122.

Os exemplares do círculo da B datam já do século I a.C., como sejam as formas F. 2320 (004, 041, 043 e 092) e F. 7553, que está igualmente presente na Casa do Pardal. Para além destes, surgem-nos as F. 2260-2280 (049, 075, 098 e 101), igualmente presentes na Casa do Pardal, e que poderão ter uma cronologia mais antiga.

O segundo critério que definimos é o da comparação com contextos datados arqueologicamente. Como afirmámos anteriormente, o único conjunto campaniense comparável com o que se apresenta é o de Mesas do Castelinho, localizado bem próximo de Mértola. Aí, a sucessão estratigráfica define que as campanienses A terão surgido no povoado em meados do século II, dominando até finais desse mesmo século, o que é atestado pela UE 43. As formas identificadas nesta unidade estratigráfica incluem-se dentro da categoria 2900, igualmente com presença significativa em Mértola, com cerca de 16 exemplares só na Casa do Pardal. O círculo da B está igualmente presente na UE 43, mas em menor escala. Este panorama começa porém a alterar-se ao longo do século I a.C., quando a A começa a ser substituída pela B (UE 41), perfeitamente hegemónica no terceiro quartel do I a.C. (UE 39) (Fabião e Guerra, 1994, p. 279-280; Fabião, 1998, p. 313-317).

Já foi contestada a suposta sucessão das campanienses A até às B (Morel, 1980, p. 108). Trata-se de produtos contemporâneos com mercados distintos. No entanto, é possível que a viragem do século II para o I tenha assistido a uma conquista dos mercados do ocidente peninsular por parte das produções do círculo da B. Aliás, a cópia de formas da B pelo círculo da A, encontra-se atestada em Mértola pelo fragmento 093, eventualmente numa tentativa derradeira de recuperar o mercado. Antes disso, a presença das campaniense B está atestada em Mértola, mas principalmente através de formas ausentes do repertório da A, como sejam as *pyxides* F. 1220/30 e F. 7540/50.